

Esperança além da morte



Esperança Além da Morte

CAPÍTULO 1

O que é a morte?

A morte é o maior inimigo do homem; e, de todas as fontes de informação disponíveis ao homem, somente a Bíblia nos fornece informações definitivas sobre o futuro daqueles que são abatidos por esse monstro terrível. A Palavra de Deus promete que está chegando um tempo em que “não haverá mais morte”; e, além disso, que aqueles que morreram viverão novamente. (Apocalipses 21:4; João 5:28, 29). O conhecimento da provisão do Criador para uma raça moribunda deve ser um verdadeiro consolo para aqueles que choram por seus entes queridos falecidos.

Somada ao espectro medonho da própria morte, está a incerteza quase universal sobre o que há além da sepultura. O que acontece com uma pessoa no momento seguinte à morte? Será que ela ainda está viva de alguma forma misteriosa, pairando em torno das funerárias enquanto seus amigos se reúnem para lamentar sua partida? Ou será que partiu para alguma “bela ilha em algum lugar” desconhecido? Ou, se o falecido não era cristão, estará agora nas regiões tradicionais dos condenados, onde está destinado a sofrer uma eternidade de tortura em um inferno de fogo e enxofre?

Por mais que tentemos, não conseguimos afastar totalmente essas perguntas de nossas mentes. Embora muitos de nós possamos nos consolar parcialmente com o pensamento de que, pelo menos, muitos de nossos amigos próximos e parentes que faleceram eram boas pessoas e fiéis crentes no cristianismo tal como o entendiam e, portanto, de acordo com nossas crenças aceitas, deveriam agora estar felizes no céu; no entanto, todos nós tivemos alguns amigos queridos, e provavelmente parentes, que faleceram fora dos limites da crença e da prática ortodoxas, e não podemos deixar de nos perguntar o que aconteceu com eles. Eles estão sofrendo agora, ou estão felizes?

A ciência não oferece esperança

A ciência nos diz que não há evidência da continuidade da vida humana quando ocorre a morte. Sendo esta uma era de materialismo, muitos tendem a aceitar essa visão. A alegação é que, no que diz respeito ao princípio da vida, o homem não é diferente dos animais inferiores; que a inteligência superior da espécie humana não se deve à teoria tradicional de que o homem tem oculto dentro de si uma inteligência separada chamada “alma” ou “espírito”, mas ao fato de que ele possui um organismo superior e mais refinado do que o da criação bruta.

Observemos agora algumas passagens das Escrituras que mostram claramente que a ciência está certa no que diz respeito à condição atual dos mortos. Eclesiastes 9:5 diz: “Pois os vivos sabem que

morrerão, mas os mortos nada sabem.” O Salmo 49:10-12 também é pertinente: “Os sábios, por fim, morrerão, assim como os tolos e insensatos, deixando para trás toda a sua riqueza e . A sepultura é o seu lar eterno, onde permanecerão para sempre. Podem dar o seu nome às suas propriedades, mas a sua fama não durará. Morrerão, assim como os animais.”

Em Gênesis 2:7, é-nos dito que “o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente”. Mais tarde, após a transgressão desse casal originalmente perfeito, Deus disse: “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão até que voltes à terra, pois dela foste tomado; pois és pó e ao pó voltarás.” (Gênesis 3:19). No Salmo 146:4, Davi faz uma declaração enfática quanto à condição daqueles que retornam ao pó. Citamos: “Quando expiram, retornam à terra, e todos os seus planos morrem com eles.” Se a linguagem significa alguma coisa, então não há como negar o fato de que essas palavras descrevem uma pessoa morta como estando inconsciente, com todos os pensamentos tendo perecido.

Observe novamente a afirmação do salmista: “Quando exalam o último suspiro, retornam à terra.” Se um homem, como ser consciente e vivo, foi trazido à existência pela união do corpo material com o sopro da vida, pareceria razoável que, quando esses dois elementos se separassem, a vida cessasse; e é exatamente isso que o texto afirma: “todos os seus planos morrem com eles.”

Alguns podem se perguntar sobre o “sopro de vida”, pensando talvez que isso seja algo que continue a viver após a morte do corpo. Deixaremos o assunto da “alma” para consideração posterior, mas examinemos agora uma passagem que descreve o processo de morrer, mostrando exatamente o que acontece com os dois elementos principais que a sabedoria divina e criativa combinou para produzir a vida humana. Ela diz: “Então o pó voltará à terra, como era; e o espírito voltará a Deus, que o deu.” Eclesiastes 12:7

A chave para uma compreensão adequada deste texto encontra-se na palavra “retornar”, usada tanto em relação ao corpo quanto ao espírito. Diz-se que o corpo retorna à terra. Isso ocorre porque seus elementos vieram originalmente da terra. Segue-se, portanto, que se o espírito retorna a Deus, ele deve ter estado com Deus antes de entrar no organismo humano. Se estar com Deus, nesse sentido, significa estar no céu, então segue-se que, se o “espírito” aqui referido é uma entidade consciente, capaz de desfrutar da vida em um céu espiritual, isso significa que cada um de nós deve ter estado nesse céu espiritual antes de nascermos; caso contrário, não se poderia dizer que “retornamos” quando morremos.

O que o “Espírito” realmente é

A palavra hebraica aqui traduzida como “o espírito” é *ruach*. O professor Strong, renomada autoridade nas línguas hebraica e grega, nos diz que essa palavra hebraica *ruach* significa “vento” ou “sopro”. É a mesma palavra hebraica traduzida como “sopro”

em Gênesis 7:15, onde se diz que ela é possuída pelos animais inferiores. Citamos: “Par de todas as criaturas que têm o sopro da vida [*ruach*] dentro de si vieram a Noé e entraram na arca.” Se o uso da palavra *ruach* para descrever o sopro ou o espírito da vida nos seres humanos significa que temos dentro de nós uma entidade inteligente de algum tipo que continua a viver após a morte do corpo, isso também significa que os animais inferiores possuem inerentemente algo intangível semelhante que nunca pode morrer.

Mas quando raciocinamos em harmonia com a Palavra de Deus, tudo fica claro. Gênesis 2:7 declara que Deus criou o homem do pó da terra e “insuflou em suas narinas o fôlego da vida”. Diz-se que o resultado da união do corpo com o fôlego de vida é que “o homem tornou-se uma alma vivente”. Obviamente, quando o corpo retorna à terra e o fôlego ou o espírito de vida retorna à sua fonte original — a Deus, que o deu —, ele deixa o indivíduo na mesma condição em que se encontrava antes do nascimento, que era uma condição de inexistência.

Para resolver essa questão de forma ainda mais definitiva, basta nos voltarmos para Eclesiastes 3:19-21, onde a palavra hebraica *ruach* é novamente usada, e ali se diz que o fôlego [*ruach*] tanto do homem quanto da besta vai para o mesmo lugar na morte. Citamos: “Pois o que acontece aos filhos dos homens, acontece às bestas; uma única coisa lhes acontece: assim como um morre, assim morre o outro; sim, todos têm um único sopro [*ruach*]; de modo que o homem não tem preeminência sobre a

besta: pois tudo é vaidade. Todos vão para um único lugar: todos são do pó, e todos voltam a ser pó. Quem sabe [se] o espírito do homem sobe [para o céu] e [se] o espírito da besta desce para a terra?”

Os relatos do Novo Testamento sobre a morte concordam plenamente com os do Antigo Testamento. Jesus indica que os mortos se encontram em um estado de inconsciência, que ele compara ao sono. Em João 11:1-46, temos um relato maravilhosamente revelador da doença, morte e despertar de Lázaro, um querido amigo de Jesus. Marta e Maria, irmãs de Lázaro, também eram amigas do mestre, e quando seu irmão adoeceu, enviaram uma mensagem a Jesus, supondo que ele viria imediatamente em seu auxílio.

Em vez de ir imediatamente ao leito de seu amigo Lázaro, Jesus demorou-se. Depois de algum tempo, disse aos seus discípulos: “Nosso amigo Lázaro dorme; mas eu vou, para que eu possa despertá-lo do sono”. Os discípulos interpretaram mal isso, supondo que Jesus se referisse ao sono natural. Então ele disse claramente: “Lázaro está morto”. Mais tarde, no túmulo de Lázaro, Jesus dirigiu-se ao falecido em voz alta, dizendo: “Lázaro, sai”, e nos é dito que “aquele que estava morto saiu”. Não há aqui qualquer indício de que a “alma” de Lázaro estivesse em um céu de bem-aventurança ou em um inferno de tormento. De acordo com o relato, ele estava adormecido na morte. Sim, Jesus acreditava no “sono da morte”.

No relato do despertar de Lázaro do sono da morte, enfatizamos o fato de que a esperança bíblica de vida além da morte está na certeza de que haverá uma ressurreição dos mortos, e não na suposição de que o homem possui imortalidade inerente. O apóstolo Paulo concorda plenamente com isso. Em 1 Coríntios 15:12-18, ele conclui que, se não houver a ressurreição dos mortos, então “os que dormem em Cristo pereceram”.

No livro do Apocalipse, também, encontramos a mesma uniformidade de pensamento quanto à condição inconsciente dos mortos. Por exemplo, o Revelador diz: “O mar entregou os mortos que nele estavam; e a morte e o inferno entregaram os mortos que neles estavam.” (Apocalipse 20:13). Deixaremos o assunto do inferno para consideração posterior. Basta agora observar o fato de que, de acordo com o texto acabado de citar, aqueles que estão no “inferno” bíblico são declarados mortos. Isso significa que eles não estão vivos e não estão sendo atormentados. O texto também revela que a esperança dos mortos é que eles sejam tirados do inferno — ressuscitados para a vida.

Em resumo, então, a resposta à pergunta: “Onde estão os mortos?” é que eles estão agora em um estado de inconsciência; que toda a esperança de vida além da morte está centrada na garantia bíblica de que, por meio do poder poderoso do grande Criador, exercido pelo Cristo divino durante o período do reino vindouro, haverá uma “ressurreição dos mortos, tanto dos justos quanto dos injustos”. Atos 24:15

A Mentira de Satanás

Antes de encerrarmos esta parte do assunto, é bom que façamos uma pausa para chamar a atenção para a origem da falsa teoria tão amplamente aceita tanto nas religiões cristãs quanto nas não cristãs, de que “não existe morte”. Se a Bíblia ensina tão claramente que a morte é uma realidade sombria e o pior inimigo do homem, de onde surgiu a ideia de que ela é uma amiga, no sentido de ser apenas a porta de entrada para outra vida?

A resposta a essa pergunta encontra-se no relato do Gênesis sobre a queda do homem no pecado e na morte. Satanás, um e a que funciona por meio da serpente, ao discutir o assunto com a mãe Eva antes da transgressão que trouxe a morte, disse: “Certamente não morrerás” (Gênesis 3:4). Deus disse que a pena pela desobediência seria a morte – “certamente morrerás” (Gênesis 2:17). O testemunho de toda a Bíblia é consistente com essa declaração original sobre o que constituiria a punição pelo pecado. “O salário do pecado é a morte”, declara Paulo. (Romanos 6:23). “A alma que pecar, essa morrerá”, diz Ezequiel. (cap. 18:4). Em Apocalipses 20:2,3, percebemos que a “antiga serpente” que enganou a mãe Eva continuou a ser um enganador desde então; e a história revela que isso é de fato verdade. Todos os esforços enganosos possíveis foram feitos ao longo dos séculos para reforçar a mentira de Satanás: “Certamente não morrerás”. Como resultado, quase todos hoje que tentam acreditar em uma existência futura, baseiam sua fé na suposição de que o homem possui a imortalidade

inerente. Mas o que as Escrituras dizem sobre a imortalidade? O próximo capítulo discute esses pontos.

CAPÍTULO 2

O homem é imortal?

A teoria da imortalidade inerente, que alega que, quando o que chamamos de morte alcança um ser humano, ele se torna mais vivo do que antes de ela ocorrer, baseia-se na suposição de que, escondido em algum lugar dentro do organismo humano, existe um ego ou inteligência indescritível, intangível e invisível chamado “alma”. A afirmação dos teólogos é que essa alma é imortal ou à prova de morte; portanto, quando o corpo morre, essa inteligência interior, ou o homem real, escapa de sua prisão de limitações humanas e fica livre para desfrutar da vida para sempre em um plano de existência muito mais elevado — a menos, é claro, que tenha sido uma alma perversa. Neste último caso, de acordo com a teologia tradicional, a alma deve sofrer agonias indescritíveis em um inferno ardente de fogo literal; ou, na melhor das hipóteses, de acordo com a teologia católica romana, passar por um longo período no purgatório antes de poder desfrutar da liberdade e das bênçãos do céu.

As expressões “alma imortal” e “alma eterna” são tão comumente usadas em conversas religiosas que aqueles que não fizeram uma investigação consideram como certo que se trata de termos bíblicos. Por essa razão, será uma grande surpresa para muitos descobrir que essas expressões não são encontradas na Bíblia de forma alguma. A imortalidade tradicional da alma humana é

puramente um produto da imaginação, não tendo qualquer apoio bíblico.

As palavras “alma” e seu plural, “almas”, são usadas na Bíblia mais de quinhentas vezes, mas em nenhum caso há sequer uma sugestão de que as almas humanas sejam imortais. Pelo contrário, sempre que a Bíblia aborda o tema da morte em relação à alma, ela afirma de forma distinta e clara que a alma, assim como o corpo, está sujeita à morte. Por exemplo, por meio do profeta, o Senhor diz: “Eis que todas as almas são minhas; assim como a alma do pai, também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá.” (Ezequiel 18:4). No Novo Testamento, lemos as palavras de Jesus: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; antes, teme aquele que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno [*Geena*].” (Mateus 10:28). Sim, mesmo aquelas almas que vão para o inferno bíblico são destruídas, não atormentadas ou obrigadas a sofrer.

A palavra “alma” no Antigo Testamento é traduzida da palavra hebraica *nephesh*. O professor Young afirma em sua *Concordância Analítica das Escrituras* que essa palavra *nephesh* significa simplesmente “animal” ou, traduzida livremente, aquilo que é animado ou vivo — um ser sensível. A palavra é usada no Antigo Testamento em relação tanto aos animais inferiores quanto ao homem. Em Números 31:28, ela é aplicada a animais como gado, jumentos e ovelhas. Assim, se insistíssemos que a palavra hebraica *nephesh*, traduzida como “alma” no Antigo Testamento, significa alma imortal, então seríamos obrigados a concluir que os animais inferiores

também possuem almas imortais — uma conclusão que poucos aceitariam.

A palavra “alma” no Novo Testamento é traduzida da palavra grega “*psuche*”. Sabemos que essa palavra tem exatamente o mesmo significado que a palavra hebraica *nephesh*, pois o apóstolo Pedro a utiliza para traduzir esta última quando cita o Salmo 16:10. A citação do apóstolo se encontra em Atos 2:27 e diz: “Porque não deixarás a minha alma [grego, “*psuche*”, hebraico, *nephesh*] no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção.” Pedro nos diz que esta é uma profecia relativa à morte e à ressurreição de Jesus, de que sua alma não foi deixada no inferno.

Em Mateus 26:38, Jesus é citado dizendo: “A minha alma está profundamente triste, até à morte.” Isso está em plena harmonia com a declaração profética a respeito de Jesus, que diz que sua alma foi “oferecida em sacrifício pelo pecado”. Sim, a alma de Jesus morreu, e por meio desse grande sacrifício as almas de toda a humanidade são redimidas da morte e, por fim, participarão da ressurreição.

Outro uso interessante da palavra grega “*psuche*” [em português, “a alma”] no Novo Testamento é encontrado em Atos 3:20-23. Aqui temos uma profecia que descreve a obra de restauração, ou a ressurreição, que será realizada pelo Messias após sua segunda vinda e o estabelecimento de seu reino. É-nos dito que então “toda alma que não ouvir [obedecer] a esse profeta será destruída dentre o povo”. Assim, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento enfatizam o fato de que as almas humanas

são mortais, sujeitas à morte, e que, em última instância, todas as almas ímpias serão destruídas — não preservadas e atormentadas, como os credos da Idade das Trevas querem nos fazer acreditar.

A Primeira Alma Humana Criada

Observemos cuidadosamente o processo pelo qual a primeira alma humana foi criada, pois isso nos ajudará a compreender mais claramente o que realmente é uma alma. O relato bíblico disso é dado em Gênesis 2:7, que diz: “O SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente.”

Observe que a alma é aqui apresentada como o resultado, ou produto, de uma união do corpo, ou organismo, com o fôlego de vida — “o homem tornou-se uma alma vivente”. Esta passagem não diz, como muitos no passado supuseram erroneamente, que Deus criou o homem e depois injetou uma alma nele — ela declara, ao contrário, que na criação o homem “tornou-se” uma alma, o que é bem diferente.

Primeiro, de acordo com o relato, o organismo, ou corpo, do homem foi formado — a partir do “pó da terra”. Isso está cientificamente em harmonia com os fatos tal como os conhecemos hoje, já que o corpo do homem é composto inteiramente dos vários elementos químicos encontrados na terra. Em seguida, nesse organismo foi infundido o “sopro de vida”, o poder animador do ar que respiramos, necessário tanto para a vida humana quanto para a animal. A palavra hebraica aqui traduzida como

“sopro” é *neshamah*, que, segundo o professor Young, significa literalmente “sopro”. O fato de ter sido soprado nas narinas do pai Adão enfatiza que se tratava do sopro. Certamente, as narinas pareceriam um local peculiar para uma alma imortal estar localizada.

O que aconteceu, então, quando o sopro da vida foi soprado nas narinas desse primeiro organismo humano? Simplesmente isto: ele ganhou vida — ou, como declara o texto, “uma alma viva”. Visto dessa forma, a “alma” é, na verdade, o que resulta da união do organismo com as qualidades vivificantes do sopro — o “sopro da vida”. Uma ilustração simples disso é a luz elétrica. O organismo da lâmpada, com seu vácuo interno, filamento etc., não é a luz; nem a eletricidade que flui por esse organismo é a luz; mas a união da lâmpada com a eletricidade produz a luz. Destrua a lâmpada (organismo) ou corte a corrente elétrica (correspondente ao sopro da vida), e a luz se apaga; isto é, ela deixa de existir, sendo extinta.

O mesmo ocorre com a alma humana. Quando o corpo fica debilitado por doença ou acidente, a ponto de não poder mais funcionar suficientemente bem para reagir aos impulsos que sustentam a vida do sopro vital, a alma, ou a vida, do indivíduo “se apaga”, ou seja, deixa de existir, morre. Da mesma forma, se por qualquer motivo, ou de qualquer maneira, o sopro da vida for impedido de chegar ao corpo, como no afogamento ou na asfixia, a vida também cessa — a alma morre.

É preciso ter em mente, a esse respeito, é claro, que o grande segredo da vida, cujas manifestações externas somos capazes de compreender até certo ponto, está nas mãos do Criador. Ele é o grande Criador, não apenas do homem, mas também dos animais inferiores. Ele é para toda a vida na Terra o que o sol é para toda a luz natural; ou seja, Ele é a fonte. Não é possível ao homem formar um organismo, introduzir nele um pouco da atmosfera terrestre e fazê-lo viver. O ar, em sentido literal, é o sopro da vida tanto para os seres humanos quanto para os animais inferiores, pois é um meio do Criador por meio do qual, o que significa que o princípio da vida é comunicado a todas as criaturas vivas na Terra.

Esse princípio da vida, no entanto, não é uma inteligência, mas meramente o poder de Deus pelo qual toda a vida existe. Em Gênesis 7:15,22, diz-se que esse mesmo sopro de vida é uma posse dos animais inferiores.

À medida que prosseguimos nossa investigação, descobriremos que a razão pela qual a Bíblia oferece uma esperança de vida futura e eterna para os seres humanos que obedecem à lei de Deus é que o Criador se propõe a continuar transmitindo o princípio da vida a eles, e não porque Ele originalmente colocou algo em seu organismo que seja à prova da morte.

A Esperança da Imortalidade

Como já observado, a expressão “alma imortal” não é encontrada na Bíblia de forma alguma. A palavra “imortal” é usada apenas uma vez em toda a

Bíblia, e nessa única instância é aplicada ao Senhor e não ao homem. Citamos: “Agora, ao Rei eterno, imortal, invisível, o único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre.” (1 Timóteo 1:17). Em 1 Timóteo 6:16 temos uma passagem semelhante à anterior, na qual a palavra “imortalidade” é usada. Esse texto também se refere ao Senhor e diz: “O único que possui imortalidade, habitando na luz a qual nenhum homem pode aproximar-se; a quem nenhum homem viu, nem pode ver, a quem seja honra e poder eternos.” Essas duas passagens bíblicas devem resolver a questão de se o homem, por natureza, é uma criatura imortal.

A palavra “imortalidade” é usada outras quatro vezes na Bíblia e, em cada caso, descreve uma recompensa condicional e futura para aqueles que, nesta vida, seguem fielmente os passos do mestre. E, neste ponto, vamos enfatizar novamente o fato de que não estamos tentando provar que não há vida futura para os seres humanos, mas sim que toda a esperança de vida futura, de acordo com a Bíblia, baseia-se no fato de que haverá a ressurreição dos mortos, e não na suposição de que somos, por natureza, imortais e, portanto, não podemos morrer.

Deixaremos o assunto geral da ressurreição por enquanto, parando aqui apenas o tempo suficiente para observar as quatro passagens bíblicas que se referem à esperança do cristão de ser exaltado à imortalidade com o Senhor. Romanos 2:7 diz: “Aos que [cristãos], pela perseverança em fazer o bem, buscam glória, honra e a imortalidade, a vida eterna.” Este texto mostra que a imortalidade não é agora

uma posse do cristão, mas sim algo a ser buscado, “pela perseverança em fazer o bem”.

Em 1 Coríntios 15:53 lemos: “Porque é necessário que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.” Aqui nos é dito que a “imortalidade” é uma qualidade que, para ser possuída, deve ser “revestida”. O apóstolo afirma claramente que agora somos seres “mortais”. O versículo seguinte diz: “Assim, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e este mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: A morte foi tragada pela vitória.”

Há apenas um outro texto na Bíblia em que a palavra “imortalidade” aparece, e esse é 2 Timóteo 1:10. Ele diz o seguinte: “Mas agora se manifestou pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, que aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho.” Fica evidente, a partir dessa passagem, que ninguém antes da Primeira Vinda de nosso Senhor teve sequer a oportunidade de lutar pela imortalidade, como a igreja da era evangélica é encorajada a fazer. Isso mostra, além disso, que toda a esperança de vida e imortalidade está centrada em Jesus e em sua obra redentora.

CAPÍTULO 3

E quanto ao inferno?

Uma doutrina da crença cristã que foi muito distorcida pelas superstições da Idade das Trevas é aquela que diz respeito ao castigo daqueles que desobedecem à lei divina. Vimos que os ensinamentos claros da Bíblia são de que “o salário do pecado é a morte”. (Romanos 6:23). Descobrimos que a definição bíblica de morte é um estado de inconsciência — simbolicamente descrito como sono. Também descobrimos que a pena de morte se aplica à “alma”, ou ser completo, e não se limita meramente à desintegração do organismo humano. Em vista dessas verdades simples, mas declaradas, da Bíblia, muitos naturalmente e com razão questionarão a doutrina do tormento eterno para os ímpios.

A resposta a essa aparente dificuldade torna-se óbvia quando percebemos que a teoria da tortura eterna é puramente um dogma criado pelo homem e não tem qualquer apoio nas Escrituras sagradas. É verdade que a Bíblia fala bastante sobre o inferno, e até mesmo a expressão “fogo do inferno” pode ser encontrada no registro sagrado; no entanto, após investigação, descobre-se que o inferno bíblico não é de forma alguma um lugar de tormento, mas é meramente a condição dos mortos; e essa condição, descobrimos, é de inconsciência.

Todos sabem, é claro, que todas as traduções da Bíblia provêm dos manuscritos hebraicos do Antigo Testamento e dos manuscritos gregos do Novo

Testamento. Portanto, para se ter uma base factual definitiva sobre a qual fundamentar conclusões sobre este importante assunto referente ao propósito e ao plano divinos, é necessário consultar autoridades nas línguas hebraica e grega quanto ao significado real das várias palavras antigas que são traduzidas como “inferno”. Ao fazer isso, uma enxurrada de informações surpreendentes se abre diante de nós.

Constatamos, por exemplo, que há apenas uma palavra hebraica em todo o Antigo Testamento que é traduzida como “inferno”, e essa palavra é “*sheol*”. Essa palavra aparece, no total, 65 vezes. Às vezes é traduzida como “sepultura”, outras vezes como “inferno” e outras ainda como “abismo”. O Dr. James Strong, professor de hebraico e grego, define “*sheol*” como “o mundo dos mortos”. Mas, para chegar a uma conclusão definitiva sobre a condição exata que existe nesse “mundo dos mortos”, é necessário consultar a própria Bíblia.

A palavra hebraica “*sheol*” aparece em Eclesiastes 9:10, onde é traduzida como “sepultura”. Citamos: “Tudo o que a tua mão encontrar para fazer, faze-o com toda a tua força; pois não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria na sepultura [*sheol*] para onde vais.” Essa é a definição inspirada da palavra hebraica “*sheol*” — a única palavra traduzida como inferno no Antigo Testamento. Ela deixa claro que esse “mundo dos mortos” é um mundo silencioso e adormecido, no qual não há conhecimento nem consciência. Por quatro mil anos, desde a criação de Adão até a Primeira Vinda de Jesus, Jeová não empregou outra palavra além desta

para descrever a condição dos mortos. Se a tortura eterna fosse a pena pelo pecado, não teria sido extremamente cruel e injusto manter as pessoas na ignorância a respeito disso por um período tão longo?

O bom profeta Jó sabia que “sheol” era uma condição de inconsciência comparável ao sono e, por essa razão, quando sofria tão intensamente, tanto mental quanto fisicamente, pediu ao Senhor que o deixasse descer a essa condição. Sim, Jó orou para ir para o inferno bíblico. Sua oração diz: “Ó, se tu me escondesses na sepultura [*sheol*], se me mantivesses em segredo, até que tua ira passasse, se me designasses um tempo determinado e te lembrasses de mim!” Observe que Jó queria ir para o “sheol” para escapar da ira de Deus. Quão diferente isso é da teoria dogmática de que o inferno é o lugar onde Deus derrama sua ira de forma mais cruel sobre todos os que lá vão! Outro ponto a ser observado aqui é que Jó era um servo fiel do Senhor, mas esperava ir para o inferno bíblico quando morresse. O que isso pode significar?

Um exame cuidadoso de todos os textos do Antigo Testamento em que a palavra “seol” aparece revelará que esse “mundo dos mortos” é uma condição para a qual tanto os bons quanto os maus, os santos e os pecadores, vão após a morte. Não é necessariamente, porém, uma condição permanente de morte. Na verdade, Jó não esperava permanecer na morte; por isso, ao concluir sua oração, ele pediu ao Senhor que se lembrasse dele, chamando-o para fora do “*sheol*”. Ele faz a pergunta: “Se um homem morrer, viverá novamente?”, e então responde à sua

própria pergunta, afirmando sua esperança na ressurreição, assim: “Tu me chamarás, e eu te responderei; terás desejo pela obra das tuas mãos.” Jó 14:13-15

Apenas uma vez no Antigo Testamento a ideia de dor é associada à palavra inferno, e isso ocorre no Salmo 116:3, que diz: “As dores da morte me cercaram, e as dores do inferno [*sheol*] se apoderaram de mim.” Davi é quem fala nesta passagem e, embora tenha cedido à tentação em algumas ocasiões, devido à lealdade de seu coração ao seu Criador, foi considerado um homem “segundo o coração de Deus”. (Atos 13:22). Certamente, alguém assim não seria um candidato adequado para sofrer as torturas de um inferno doutrinário. O que, então, ele quer dizer quando afirma: “As dores do inferno se apoderaram de mim”?

O significado das palavras de Davi neste texto fica claro quando levamos em consideração o contexto. Ele está contando como o Senhor o livrou da morte, embora estivesse doente o suficiente para morrer. As “dores do inferno” às quais ele se refere são claramente as dores e os sofrimentos inerentes ao processo de morrer — a doença que finalmente resultou na morte do profeta, embora por um tempo ele tenha sido livrado dela. Visto desse ponto de vista, podemos perceber que todo o sofrimento no mundo que eventualmente leva à morte poderia ser corretamente considerado como sendo as “dores do inferno”, pois resulta na condição de morte, o “*sheol*”, o inferno bíblico.

O inferno no Novo Testamento

A palavra grega *hades* é usada no Novo Testamento para traduzir a palavra hebraica “sheol”, ao citar o Antigo Testamento. Um exemplo interessante disso é Atos 2:27, que diz: “Porque não deixarás a minha alma no inferno [*hades*], nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.” Essas palavras são uma citação do Salmo 16, onde, de acordo com o testemunho inspirado do apóstolo Pedro, o profeta Davi predisse a morte e a ressurreição de Jesus. Nessa profecia, Davi usa a palavra hebraica “sheol”, e ao traduzi-la, o apóstolo usa a palavra grega *hades*. A partir disso, sabemos que “*hades*” do Novo Testamento tem o mesmo significado que “sheol” do Antigo Testamento. Na medida em que o profeta em Eclesiastes 9:10 define “sheol” como sendo um estado de inconsciência, parece não haver margem para dúvidas quanto ao significado da palavra “inferno” no Novo Testamento.

A profecia de Davi no Salmo 16:10, que, como observado anteriormente, Pedro interpreta como se referindo à morte e à ressurreição de Jesus, é especialmente interessante porque coloca Jesus no inferno bíblico durante o tempo em que ele estava morto. Assim, fica evidente que o inferno bíblico não é o tipo de lugar que a teologia da Idade das Trevas o representou; pois, certamente, não poderíamos pensar que Jesus tivesse ido para um lugar de tortura. Mas, quando nos lembramos de que o inferno bíblico é o estado ou condição da morte, podemos ver por que foi necessário que Jesus fosse para o inferno. A Bíblia deixa claro que Jesus, em sua obra

redentora pela humanidade, tomou o lugar do pecador na morte, que se tornou o resgate, ou preço correspondente, pelos pecados do mundo. Ao fazer isso, ele provou “a morte por todos os homens”, portanto, entrou na condição de morte, o inferno bíblico. — Isaías 53:3-10; 1 Timóteo 2:3-6; Hebreus 2:9

Voltando do inferno

Para termos plena certeza de que o inferno bíblico não é um lugar de tortura eterna, como a teologia tradicional quer nos fazer acreditar, vamos nos voltar para Apocalipses 20:13 e 14. Nesta passagem, a palavra grega *hades*, traduzida como “inferno” (), é usada na Bíblia pela última vez. Citaremos: “O mar entregou os mortos que nele estavam; e a morte e o inferno [*hades*] entregaram os mortos que neles estavam; e cada um foi julgado de acordo com as suas obras. E a morte e o inferno [*hades*] foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.”

Três fatos notáveis tornam-se evidentes ao estudarmos a passagem acima: Primeiro, que o inferno bíblico não é necessariamente uma morada permanente nem para os ímpios nem para os justos, pois diz-se que ele entrega seus mortos. Segundo, que o inferno bíblico não é o lago de fogo. Terceiro, que aqueles que aqui se diz terem estado no inferno estavam mortos enquanto lá estavam, e não vivos sofrendo as supostas agonias do abismo da Idade das Trevas dos condenados.

Como já observado, esta é a última menção ao inferno na Bíblia, e aqui o encontramos descrito como

um lugar ou condição, totalmente esvaziado de seus habitantes, e então queimado ou destruído em um lago de fogo simbólico. O fogo é um dos elementos mais destrutivos conhecidos pela ciência, e aqui é empregado pelo Senhor para ilustrar, ou simbolizar, o fato de que o Hades, a condição de morte resultante da transgressão de nossos primeiros pais no Éden, será finalmente destruído. 1 Coríntios 15:26

As Chaves do Inferno

Em Apocalipse 1:18, a possibilidade de que o inferno tenha, por fim, de entregar seus mortos é trazida à nossa atenção pelo próprio Jesus, com as seguintes palavras: “Eu sou aquele que vive e que esteve morto; e, eis que estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves do inferno e da morte e .” As chaves são usadas para destrancar portas ou portões. Jesus adquiriu essas chaves simbólicas do inferno e da morte por meio de sua própria morte. Isso lhe confere a autoridade divina para abrir a grande prisão da morte e libertar seus cativos; e na passagem que declara que “a morte e o inferno entregaram os mortos que neles estavam”, é exatamente isso que se mostra como tendo ocorrido.

Que Jesus agora possui o direito divino de ressuscitar os mortos também é apontado pelo apóstolo Paulo em Romanos 14:9, que diz: “Para este fim Cristo morreu, ressuscitou e reviveu, a fim de que fosse Senhor tanto dos mortos como dos vivos.” Como Senhor dos mortos, ele prometeu usar sua autoridade e poder oficiais, as “chaves do inferno”, para restaurar a vida no mundo. Este é o

significado das próprias palavras do mestre, conforme registradas em João 5:28,29: “Não vos maravilheis disso, pois está chegando a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo.”

Essa evacuação do mundo dos mortos do “sheol”, ou *hades*, será seguida, conforme indicado em Apocalipses 20:14, pela destruição do inferno. Isso não era uma ideia nova para os escritores do Novo Testamento, pois já havia sido profetizado muito antes no Antigo Testamento. Por meio do profeta Oséias, o Senhor diz: “Eu os resgatarei do poder da sepultura; eu os redimirei da morte: Ó morte, serei o teu redentor; ó sepultura [*sheol*], serei a tua destruição; o arrependimento será oculto aos meus olhos.” (Oséias 13:14). Observe a bendita certeza dada nesta passagem: “O arrependimento será escondido dos meus olhos.” Ou seja, o Senhor havia determinado destruir a morte e o inferno, e isso certamente será a gloriosa consumação de seu propósito amoroso em favor da raça caída.

O Homem Rico no Inferno

Aqueles que insistem que a palavra grega *hades* no Novo Testamento significa um lugar de tormento sem fim, em vez de uma condição de inconsciência na morte, como a Bíblia ensina tão claramente, citam a parábola do homem rico e Lázaro para provar sua tese. É verdade, é claro, que a palavra “inferno” nesta parábola é uma tradução de *hades*; mas um exame

cuidadoso e imparcial do relato mostrará que ela não pode ser usada de forma consistente para provar que as pessoas boas vão para um lugar de bem-aventurança quando morrem, enquanto as pessoas más são enviadas para um lugar de tortura.

O professor Benjamin Wilson, autor da tradução *Emphatic Diaglott* do Novo Testamento, sabendo que *hades* não significa um lugar de tormento, ficou perplexo ao tentar compreender a maneira como é usada nesta parábola; por isso, ele apresenta uma nota de rodapé na qual são oferecidas evidências de que toda a parábola pode ser uma interpolação e não, na verdade, parte das escrituras sagradas. Não podemos afirmar se isso é verdade; no entanto, quando o relato é visto à luz de ser uma parábola, e não uma declaração de fatos literais, parece não haver necessidade de duvidar de sua autenticidade. Para que possamos ter os detalhes da parábola claramente em mente, sugerimos uma releitura cuidadosa do relato encontrado em Lucas 16:19-31.

Estranho, se for literal

De acordo com a teologia da Idade das Trevas, supõe-se que esta parábola ensine que todas as pessoas boas que acreditam em Cristo vão para o céu quando morrem, e que todas as pessoas más que não aceitam Cristo nesta vida vão para um lugar de tortura eterna após a morte. No entanto, por mais estranho que possa parecer, um exame minucioso da parábola indica que nada é dito sobre pessoas boas ou más; nem se fala nada sobre o céu. Tudo o que se diz sobre o homem supostamente virtuoso da parábola é que ele era pobre e coberto de feridas, que comia as migalhas que caíam da mesa do homem rico e que os cães lambiam suas feridas. Sobre o homem rico, relata-se apenas que ele vivia suntuosamente, vestia roupas finas e permitia que o pobre se deitasse à sua porta.

Além disso, de acordo com a parábola, o mendigo doente não foi para o céu quando morreu, mas foi levado pelos anjos para o “seio de Abraão”. Se essa for uma afirmação de fato literal, isso excluiria a possibilidade de qualquer outra pessoa ser abençoada com uma recompensa semelhante na morte, pois não haveria espaço para mais de um mendigo doente no seio de Abraão. Por outro lado, se o seio de Abraão for entendido como um símbolo do céu, e o mendigo como representante daqueles que são qualificados para o céu, então a única esperança para qualquer um de nós é nos tornarmos mendigos pobres cheios de feridas antes de morrermos — sim, e ter cães lambendo nossas feridas.

Há muitas outras inconsistências nesta parábola se vista à luz da teologia tradicional. Na verdade, não há um único elemento nela que esteja em harmonia e com a teoria de que os crentes cristãos vão para o céu quando morrem, enquanto os incrédulos vão para um lugar de tormento. O único ponto da narrativa que os teólogos têm aproveitado para reforçar o dogma da tortura, que desonra a Deus, é que se diz que o homem rico está cercado por chamas atormentadoras após sua morte. Mas o que Jesus poderia ter querido dizer com essa estranha narrativa?

Já nos referimos a esta passagem das Escrituras como sendo uma parábola. Nessa ideia reside a chave para compreender o seu verdadeiro significado. Numa parábola, o que é dito não deve ser entendido literalmente. Talvez não possamos determinar dogmaticamente o que Jesus pretendia ensinar com essa parábola, mas a ênfase dada a “Pai Abraão” parece indicar que ela tem a ver, de alguma forma, com as experiências da descendência natural de Abraão, já que eram eles, na época de Jesus, que chamavam Abraão de pai. (Mateus 3:9; João 8:33,39; Romanos 4:1). Parece razoável concluir, portanto, que o homem rico da parábola tem a intenção de ilustrar a nação judaica. Esse não é um simbolismo incomum, já que ainda hoje temos o “Tio Sam” para simbolizar os Estados Unidos.

A nação judaica era uma nação real aos olhos de Deus, escolhida por Ele como o canal através do qual Suas bênçãos prometidas fluiriam para todas as outras nações. Essa posição real da descendência

natural de Abraão foi representada na parábola pelas vestes de púrpura do homem rico. Ele também usava linho fino, o que ilustrava a justiça típica que chegou aos judeus por causa de seu esforço para guardar a Lei Mosaica e por meio dos sacrifícios e es dos serviços do Tabernáculo. Em virtude de todas as ricas promessas feitas a eles, viviam suntuosamente todos os dias, assim como afirma a parábola. De fato, foram as ricas bênçãos do Senhor para eles que se revelaram sua pedra de tropeço. Paulo, citando o Salmo 69:22, diz: “Que a mesa deles se torne uma armadilha, um laço, uma pedra de tropeço e uma retribuição para eles.” Romanos 11:9

O mendigo da parábola parece ser uma ilustração adequada dos gentios na época da Primeira Vinda de Jesus. Do ponto de vista da graça de Deus, eles eram de fato pobres. Todas as promessas haviam sido feitas aos judeus e por meio dos judeus. Qualquer gentio, até aquele momento, que desejasse as bênçãos do Deus verdadeiro era obrigado a tornar-se judeu, tornando-se prosélito. Para os judeus, os gentios eram “cães”, indignos de qualquer consideração especial.

O status tanto dos judeus quanto dos gentios mudou significativamente logo após a crucificação e a ressurreição de Jesus. Os judeus haviam rejeitado e crucificado seu Messias e, como resultado, foram destituídos do favor divino. Nesse sentido da palavra, eles morreram. Perderam seu lugar de favor especial diante do Senhor e, como nação, caíram no esquecimento. Mas, como povo, continuaram a viver;

e daquele dia até agora as chamadas da perseguição os têm envolvido quase constantemente.

O mendigo também morreu; isto é, os gentios deixaram de ser um povo totalmente ignorado por Deus, mas, em vez disso, o favor divino foi estendido a eles, e todos os que creram foram levados, simbolicamente falando, para o seio de um Abraão. Eles se tornaram herdeiros das promessas feitas a Abraão e por meio dele. A respeito disso, Paulo diz: “A Escritura, prevendo que Deus justificaria os pagãos [gentios] pela fé, pregou o evangelho a Abraão antes mesmo de ele ser evangelizado.” (Gálatas 3:8). Embora tenha sido possível, ao longo de toda a era evangélica, que judeus individuais se tornassem cristãos e, assim, filhos espirituais de Abraão, a providência divina prevaleceu de tal forma que fez dos gentios os destinatários especiais de seu favor nessa linha — eles ocuparam o lugar de favor principal, conforme ilustrado pelo “seio de Abraão”.

Assim como o homem rico na parábola suplicou a Abraão que enviasse Lázaro com uma gota de água para refrescar sua língua — para aliviar seu sofrimento —, assim, mais de uma vez ao longo da era, os judeus, como povo, imploraram a Deus que enviasse algum alívio por meio de fontes cristãs! Mas as dificuldades e perseguições continuaram. De fato, houve um grande abismo fixado entre os judeus e os gentios espiritualmente favorecidos durante todo esse longo período — um abismo que foi impossível de transpor. Nada na parábola, entretanto, indica que esse tormento do homem rico fosse durar para sempre. Outras Escrituras mostram claramente que

o tempo está aqui, mesmo agora, em que a nação judaica deve ser restaurada ao seu antigo lugar de favor divino como a semente natural de Abraão.

Outro ponto interessante na parábola é que os “cinco irmãos” mencionados pelo homem rico também eram considerados filhos de Abraão. Quando a nação foi libertada do cativeiro na Babilônia, por decreto do rei Ciro da Pérsia, 500 anos antes da Primeira Vinda de nosso Senhor, aqueles que retornaram à Palestina eram em sua maioria de duas tribos, embora alguns de todas as tribos tenham retornado. (2 Crônicas 36:20-23; Esdras 2:1). Se esse único homem rico representava as duas tribos, então as outras dez tribos, a maioria das quais não teve a oportunidade de entrar em contato direto com os ensinamentos do Messias em sua Primeira Vinda, podem ser adequadamente representadas pelos cinco irmãos.

Visto assim, cada detalhe da parábola se mostra em harmonia com a Bíblia, bem como com os fatos históricos; ao passo que, se nos propusermos a considerá-la como uma afirmação literal destinada a mostrar as recompensas finais dos justos, ela se torna altamente inconsistente e absurda. Não apenas isso, mas significaria que a Bíblia é contraditória e não confiável porque, como já vimos, o “sheol” no Antigo Testamento e o *hades* no Novo Testamento são especificamente descritos como condições onde não há conhecimento, enquanto nesta parábola diz-se que há tormento no *hades*. Tudo fica claro quando percebemos que aqui se refere à morte nacional,

enquanto o povo da nação continua a viver e a ser perseguido.

Vermes que não morrem – Fogo inextinguível

Enquanto “sheol” é a única palavra do Antigo Testamento traduzida como “inferno”, *hades*, seu equivalente grego, não é a única palavra traduzida como “inferno” no Novo Testamento. Nos arredores da antiga Jerusalém havia um vale onde carcaças de animais mortos e outros resíduos da cidade eram queimados; e diz-se que o enxofre era usado como auxiliar nesse trabalho de destruição — provavelmente como desinfetante. Esse lugar era chamado em hebraico de “ ” (Vale de Hinnom); e os gregos o chamavam de “Gehenna”. Assim, essa palavra grega “*Gehenna*” é usada algumas vezes no Novo Testamento e frequentemente traduzida como “inferno”. Diz-se que os cadáveres de certos criminosos considerados pelos judeus como indignos da ressurreição eram lançados na Gehenna; por isso, Jesus emprega essa palavra para descrever uma condição de destruição eterna para a qual os pecadores totalmente obstinados devem, em última instância, ir.

A palavra *Gehenna* é traduzida como “inferno” em Marcos 9:43-48, que diz o seguinte: “Se a tua mão te escandalizar, corta-a: é melhor para ti entrares na vida aleijado do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga: onde o verme não morre e o fogo não se apaga. E, se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é para ti entrares na vida com um pé, do que, tendo dois pés, seres

lançado no inferno, no fogo que nunca se apaga; onde o verme não morre, e o fogo não se apaga. E se o teu olho te escandalizar, arranca-o: é melhor para ti entrares no reino de Deus com um olho, do que ter dois olhos e seres lançado no fogo do inferno: onde o verme não morre, e o fogo não se apaga.”

Em cada instância da passagem acima, a palavra inferno é uma tradução da palavra grega *Gehenna* e é, portanto, claramente uma alusão ao significado simbólico dos efeitos destrutivos dos fogos que queimavam continuamente no Vale de Hinom. O quadro completo é de destruição, e não de tormento. Até mesmo a menção aos vermes que não morrem intensifica esse quadro de destruição, pois esses vermes são, sem dúvida, aqueles que infestam todas as carcaças mortas. Os tradutores desta passagem, é claro, acreditavam na teoria da tortura eterna e fizeram o melhor que puderam para nos dar uma tradução que aparentemente apoiasse suas superstições. Daí o fogo “inextinguível” e os “vermes que não morrem” darem ao texto uma aparência que convence alguns de que a tortura eterna em um inferno de fogo deve, de fato, ser o destino dos ímpios.

Se, porém, usarmos o bom senso, descobriremos que a passagem não apresenta nenhum problema desse tipo. Qualquer fogo que consuma completamente o que está sendo queimado é corretamente chamado de fogo inextinguível. Um fogo que continua a queimar até que todo o material combustível disponível seja consumido é um fogo que não se apaga, mas não é um fogo eterno. Assim,

Jesus estava aqui ilustrando o fato de que os pecadores não seriam capazes de escapar da pena total do pecado, que é a morte, ou a destruição — que os fogos da destruição não serão extintos. Além disso, caso o fogo simbólico, por qualquer motivo, não completasse a obra de destruição, os “vermes” sempre presentes o fariam. Portanto, sob todos os pontos de vista, podemos ver que o mestre estava aqui usando um símbolo de destruição, o que mais uma vez corrobora o testemunho unânime das Escrituras de que “o salário do pecado é a morte”. Romanos 6:23

O restante desta passagem das Escrituras também é simbólico. Os olhos, as mãos e os pés de uma pessoa são tidos em alta estima por causa de sua utilidade, e a sugestão de Jesus de que o cristão se desfaça deles em vez de perder a vida eterna é apenas outra maneira de dizer que devemos estar dispostos a fazer qualquer tipo de sacrifício nesta vida, em vez de colocar em risco nossa existência eterna.

A primeira aplicação da passagem evidentemente se refere apenas aos cristãos — aqueles que fizeram aliança para seguir os passos de Jesus — embora o mesmo princípio se aplique aos ímpios obstinados durante o milênio. Os cristãos estão agora em julgamento pela vida, e a maneira mais segura de obter a vitória é por meio do sacrifício de tudo no serviço divino.

Isaías 66:24 descreve a destruição dos pecadores obstinados durante a era milenar em linguagem

semelhante à usada pelo mestre. Jesus pode ter citado essa passagem, aplicando o simbolismo da destruição àqueles que agora estão sendo julgados para a vida. Citando: “Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; pois o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um abominável para toda a carne.”

A Fumaça do Seu Tormento

Apocalipses 14:10,11 é às vezes citado como prova da doutrina do tormento. Esta passagem da Escritura diz o seguinte: “Esses beberão do vinho da ira de Deus, que foi derramado puro no cálice da sua ira; e serão atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro; e a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm descanso nem de dia nem de noite aqueles que adoram a besta e a sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome.”

Se a passagem acima tiver sido concebida pelo Senhor como uma declaração literal de fato, então poucos no mundo da humanidade precisam se preocupar especialmente com isso, pois diz-se que o tormento recairá sobre aqueles que adoram a besta ou a imagem da besta. Embora alguns em terras pagãs tenham adorado bestas, poucos, se é que algum, já adoraram uma besta literal como a aqui descrita — uma besta semelhante a um leopardo, com pés de urso, boca de leão e com sete cabeças e dez chifres. (Apocalipses 13:1,2). A passagem é ainda mais intrigante do ponto de vista literal quando

observamos que o tormento ocorre na presença dos santos anjos, o que poderia facilmente ser interpretado como significando no céu. Certamente, tal condição das coisas no céu tornaria aquele lugar totalmente diferente do que muitos pensavam que fosse.

O Livro dos Apocalipses é repleto de símbolos, e esta passagem não é exceção à regra. A “besta” aqui é evidentemente um falso sistema religioso-político que exige a adoração dos homens; e a ideia simbolicamente apresentada é que aqueles que professam seguir o Cordeiro e adorar o Deus verdadeiro, mas que, em vez disso, prestam lealdade a essa besta, serão submetidos a tribulações de vários tipos, participando dos sofrimentos que sobrevirão a todos os sistemas falsos durante o grande “tempo de angústia” com o qual esta era finalmente terminará. Não há nada nesta passagem que indique que o tormento ocorra após a morte.

A “fumaça” de seus tormentos é, evidentemente, uma forma simbólica de dizer que a evidência, ou a lembrança, de seus tormentos continuará para sempre a servir de alerta sobre o resultado de adorar qualquer coisa ou qualquer pessoa, exceto o Deus verdadeiro. Independentemente do que todos os detalhes desta passagem possam significar, ela certamente não pode ser usada de forma consistente para provar a teoria da Idade das Trevas sobre a tortura eterna dos ímpios.

Como Satanás Será Atormentado

Alguns, na tentativa de “provar” a doutrina do tormento eterno, se agarraram à declaração de Apocalipses 20:10, alegando que ela apoia a teoria do tormento. Citamos: “O diabo que os enganou foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta, e será atormentado dia e noite para todo o sempre.” Já vimos que a Bíblia faz uma distinção clara entre o “lago de fogo” e o “inferno”, ou *hades*, na medida em que se diz que este último é lançado no primeiro. (Apocalipses 20:14). Esse “tormento” que se diz que recairá sobre Satanás é evidentemente limitado a ele e não poderia se aplicar àqueles que são libertados do inferno e dos quais se diz que terão suas “lágrimas enxugadas”. Apocalipses 21:4

Como, então, Satanás será atormentado? A teoria da Idade das Trevas é aplicável a ele, se não a mais ninguém? Não acreditamos nisso. A palavra grega aqui traduzida como “atormentado” é, segundo o professor Strong, derivada da palavra grega “basanos”, cujo significado literal ele define como “pedra de toque”. A mesma palavra é traduzida como “atormentado” em 2 Pedro 2:8, onde nos é falado do efeito das ações perversas dos sodomitas sobre a alma do justo Ló. A ideia no caso de Ló é, evidentemente, que ele aprendia diariamente, por comparação, os terríveis resultados de uma vida sem Deus.

Para compreender corretamente como o diabo será “atormentado”, é útil considerar a profecia de

Isaías 14:15-17, sobre o “ ”. Citamos: “Contudo, serás levado para o inferno [*sheol*], para as margens da cova. Aqueles que te virem te olharão atentamente e te considerarão, dizendo: É este o homem que fez a terra tremer, que abalou os reinos; que transformou o mundo em um deserto e destruiu as suas cidades; que não abriu a casa dos seus prisioneiros [da morte]?”

Comparando essa profecia relativa à destruição de Satanás com a declaração do Apocalipses a respeito de seu “tormento”, parece claro que o diabo se tornará um exemplo eterno dos terríveis resultados de um curso de rebelião contra Deus, de modo que, ao longo das eras da eternidade, os salvos da humanidade continuarão a ridicularizá-lo. Não que o próprio diabo tenha consciência da ridicularização de que é alvo. Isso não seria necessário no sentido do texto. Por exemplo, em nossa própria maneira de falar, às vezes ouvimos dizer de alguém que era malquisto em sua comunidade: “Agora que o homem está morto, deixem-no descansar, pois nada se ganha em continuar falando dele.”

Na verdade, é claro, nada do que possamos dizer ou fazer afetaria de alguma forma alguém que já morreu, assim como a ignomínia eterna que será lançada sobre Satanás não o afetará quando ele for finalmente destruído no lago de fogo; no entanto, as pessoas não o deixarão descansar; elas continuarão a apresentá-lo como um exemplo dos terríveis resultados de um caminho maligno e egoísta. Assim, a permissão divina do mal será vista como resultando em uma bênção eterna para todos os dispostos e

obedientes da família humana, sendo o critério pelo qual todos serão capazes de discernir inteligentemente entre o bem e o mal. Sem dúvida, a maioria escolherá o bem.

CAPÍTULO 4

Espíritos e Espiritualismo

“Pois também Cristo sofreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para vos levar a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado no Espírito. Depois de ter sido vivificado, foi e pregou aos espíritos aprisionados — àqueles que foram desobedientes há muito tempo, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto a arca estava sendo construída. Nela, apenas algumas pessoas, oito no total, foram salvas pela água.” 1 Pedro 3:18-20

O fato de que a verdade da Palavra de Deus não pode ser devidamente compreendida e apreciada, a não ser considerando-se todo o seu testemunho sobre um determinado assunto, é bem ilustrado por suas várias declarações a respeito da condição e do paradeiro de Jesus durante o intervalo entre sua morte e sua ressurreição.

Numa profecia do Antigo Testamento a respeito de Jesus, citada pelo apóstolo Pedro e aplicada por ele à morte e à ressurreição do mestre, diz-se que Jesus esteve no inferno. (Salmo 16:10; Atos 2:27-32). Por meio de um mal-entendido do que o próprio Jesus disse ao ladrão na cruz, muitos foram levados a acreditar que ele foi para o “paraíso” no momento em que morreu; e, a partir de uma leitura superficial do nosso texto atual, que ele foi a algum lugar para pregar aos “espíritos na prisão”.

Em uma discussão anterior, aprendemos que o inferno bíblico é a condição da morte; que “sheol” no Antigo Testamento e “*hades*” no Novo Testamento são palavras de o que descrevem uma condição de inconsciência total. (Eclesiastes 9:10). Como Jesus morreu como o resgate, ou substituto, pelo pai Adão e sua raça, assumindo assim o lugar do pecador, era, portanto, necessário que ele entrasse nessa condição de morte, o inferno bíblico.

“Ele foi sepultado entre os ímpios”, declarou o profeta a respeito de Jesus (Isaías 53:9). É em consonância com esse fato fundamental da verdade bíblica que devemos buscar compreender tudo o mais que a Palavra sagrada possa ter a dizer sobre o paradeiro de Jesus entre o momento de sua morte na cruz e sua ressurreição dos mortos no terceiro dia seguinte.

Para compreender claramente como foi possível a Jesus pregar aos “espíritos na prisão” em um momento em que outras escrituras mostram que ele estava inconsciente na morte, é necessário primeiro determinar quem eram os “espíritos” aos quais ele pregou. É essa informação que Pedro nos dá nas palavras: “aqueles que foram desobedientes há muito tempo, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé”.

Então ele foi e pregou aos espíritos na prisão — aqueles que desobedeceram a Deus há muito tempo, quando Deus esperou pacientemente enquanto Noé construía sua arca.

Em sua segunda epístola, Pedro nos fornece uma identificação ainda mais definitiva dos “espíritos”, dizendo: “Se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno e os entregou às cadeias das trevas, para serem reservados para o julgamento; e não poupou o mundo antigo, mas poupou Noé, a oitava pessoa, um pregador d , trazendo o dilúvio sobre o mundo dos ímpios.” 2 Pedro 2:4,5

Pela citação acima, percebe-se que os “espíritos” aos quais Jesus pregou eram um certo grupo de “anjos” que haviam sido desobedientes a Deus na época do dilúvio. O apóstolo Judas também menciona esses mesmos seres, de forma semelhante, referindo-se a eles como “anjos” e descrevendo seu pecado específico como sendo o de “não terem guardado a sua posição original”. Judas também explica, assim como Pedro, que esses “anjos” estão agora aprisionados, acrescentando que estão em “acorrentas de trevas”, aguardando o julgamento do grande dia. Judas 6

Esses “espíritos na prisão”, portanto, não são os “espíritos” ou “fantasmas” de seres humanos que morreram, mas são criaturas espirituais no plano angelical da existência. Esta é uma verdade importante a ser sempre lembrada.

Compreendemos que o plano terrestre da criação de Deus é visível e compreensível para nós; existem vários níveis de existência, desde a forma mais baixa de vida “unicelular” até o homem, que, em sua perfeição, era o rei deste domínio material, ou

terrestre. As Escrituras mostram que essa mesma variedade na criação divina se estende a um reino superior, muito além do que é visível para nós; que acima do homem, a mais elevada das criaturas terrenas de Deus, existe um mundo do espírito; e que nesse mundo do espírito, assim como no natural, há várias ordens de seres, tais como anjos, querubins, etc.

A respeito do homem, o salmista declara: “Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos.” (Salmo 8:5). Quando Jesus veio à Terra para morrer como o redentor do homem, Ele “se fez carne” e, como homem, morreu; mas, na ressurreição, foi altamente exaltado “muito acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste mundo, mas também no que há de vir”. (Efésios 1:21). Assim, as Escrituras apontam uma clara linha de demarcação entre os planos de existência terreno e do espírito.

A Bíblia indica que, atualmente, existem anjos santos e profanos; embora, quando criadas, todas essas criaturas espirituais estivessem em harmonia com Deus e O servissem em várias funções. Sobre os anjos que permaneceram em harmonia com o Criador, o apóstolo diz que eles são agora “espíritos ministradores, enviados para ministrar aos que não herdarão a salvação”. Hebreus 1:14

Mais uma vez: “A respeito dos anjos, ele diz: ‘Aquele que faz dos seus anjos espíritos e dos seus ministros uma chama de fogo’” (Hebreus 1:7). A respeito desses servos angelicais dos cristãos, Jesus

disse: “Cuidado para que não desprezem um destes pequeninos; pois eu lhes digo que, no céu, os anjos deles contemplam sempre a face de meu Pai que está nos céus” (- , Mateus 18:10)

“Anjos” Terrenos e Celestiais

O estudante das Escrituras não deve se confundir com o fato de que, na Bíblia, o termo “anjo” às vezes é aplicado a seres humanos. A palavra significa literalmente “servo” ou “mensageiro”, e é sempre necessário determinar, a partir do contexto, se a passagem em que é usada se refere a mensageiros humanos ou a mensageiros celestiais, ou do espírito.

Por outro lado, as Escrituras indicam claramente que existem criaturas do espírito chamadas “anjos”. Por exemplo, na noite em que Jesus nasceu, um “anjo” anunciou seu nascimento aos pastores. Que foi um ser do espírito quem realizou esse serviço fica evidente pelas palavras: “E de repente apareceu com o anjo uma multidão das hostes celestiais, louvando a Deus e dizendo: ‘Glória a Deus nas alturas, e paz na terra, boa vontade para com os homens’” (Lucas 2:10-14). Da mesma forma, foi um ser do espírito que anunciou a Maria que ela seria a mãe de Jesus, e foi também um ser do espírito que ministrou a Jesus no Jardim do Getsêmani. Jesus se referiu a seres celestiais quando disse que poderia pedir ao seu Pai e mais de doze legiões de anjos seriam enviadas para auxiliá-lo e protegê-lo. Lucas 1:26-38; 22:43; Mateus 26:53

Mas, como já vimos, nem todas essas criaturas angelicais permaneceram leais a Jeová, seu Criador

— algumas delas tendo sido “desobedientes há muito tempo, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé”. (1 Pedro 3:20). Esses infiéis, por uso comum, passaram a ser designados como os “anjos caídos”. As Escrituras mostram que, como punição por sua rebelião, eles estão agora detidos, ou aprisionados, em “acorrentas de trevas”.

Onde estão os “espíritos”?

Em um texto já citado, o apóstolo nos dá algumas informações muito importantes sobre o que constitui a prisão e de desses anjos caídos. Citamos o texto novamente: “Se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno e os entregou às correntes das trevas, para serem reservados para o julgamento.” 2 Pedro 2:4

A palavra “inferno” na passagem que acabamos de citar não é uma tradução nem da palavra grega *hades* nem de *Gehenna*. O termo aqui usado pelo apóstolo é “tartaroo”; e esta é a única vez que aparece na Bíblia. “Tartaroo” vem da palavra grega “tartarus”, um termo usado na mitologia grega como o nome de um abismo escuro ou prisão. No texto em questão, a expressão completa “lançados no inferno” é usada para traduzir “tartaroo”; portanto, evidentemente, a palavra se refere mais a um ato do que a um lugar. A queda dos anjos que pecaram foi da honra e dignidade para a desonra e condenação; assim, o pensamento parece ser: “Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os degradou e os entregou às correntes das trevas.”

Esses anjos, em seu estado original de santidade, eram poderosos, fortes e honrados. Evidentemente, possuíam grandes liberdades; e, em seu serviço a Deus e aos seus amigos terrenos, provavelmente eram viajantes frequentes entre a Terra e outras partes do vasto universo do Criador. Judas diz que esses anjos “não mantiveram a sua posição original”. Isso lança luz sobre as palavras de Gênesis 6:2, que dizem: “Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas; e tomaram para si mulheres dentre todas as que escolheram.” Em outras palavras, o “pecado” desses anjos foi, pelo menos em parte, o de se materializarem como seres humanos e se entregarem a relações ilegítimas com as filhas dos homens.

Em diferentes momentos durante o período histórico coberto pela Bíblia, vários desses mensageiros sagrados, ou anjos, foram enviados à Terra para entregar mensagens aos profetas e a outras pessoas; e, em muitas dessas ocasiões, lhes foi permitido materializar-se e aparecer como seres humanos. Um exemplo disso é fornecido pela visita dos três anjos a Abraão antes do nascimento de Isaque. (Gênesis 18:1-22). Tais materializações eram permitidas quando sancionadas pelo Senhor e quando os anjos que nelas participavam não excediam seus privilégios. Os anjos que pecaram antes do dilúvio “não mantiveram sua posição original”, ou seja, preferiram continuar sua associação com a humanidade como seres humanos.

Tendo limitado e degradado seus próprios poderes por meio de relações ilícitas com a raça humana caída, quão apropriado foi que seu castigo fosse o de serem derrubados, ou humilhados, e ao mesmo tempo “restringidos em cadeias de trevas”. O pensamento contido no uso da palavra “prisão”, tal como se encontra em nosso texto, é o da restrição da liberdade; assim, esses “espíritos” têm estado de fato em “prisão”, privados de grande parte da liberdade normal que lhes pertencia enquanto estavam em plena comunhão e harmonia com o Criador.

Há muitas evidências bíblicas que sustentam a ideia de que o local de encarceramento desses anjos caídos é a atmosfera da nossa Terra, sendo sua esfera de influência limitada em grande parte a um contato indireto com a família humana. Nos relatos do evangelho sobre o ministério de Jesus, encontramos menções frequentes a ele expulsando “demônios” ou “espíritos malignos”. Mais tarde, os apóstolos tiveram o privilégio de prestar um serviço semelhante a diferentes indivíduos. Embora os críticos superiores tentem provar que esses casos de “obsessão” tratados por Jesus e pelos apóstolos não passavam de casos de insanidade ou distúrbios nervosos, há uma noção de personalidade demasiado definida associada a esses “demônios” para permitir qualquer interpretação tão liberal.

O rei Saul e a bruxa de Endor

Não apenas no Novo Testamento, mas também no Antigo, encontramos evidências das atividades limitadas desses anjos caídos ou “espíritos na

prisão”. Há, por exemplo, o caso do rei Saul e da bruxa de Endor. Toda bruxaria era proibida pela Lei Mosaica, mas esses antigos médiuns espirituais persistiram em suas práticas nefastas, mesmo correndo o risco de morte. Assim como os médiuns do espírito de hoje afirmam ter a capacidade de se comunicar com os mortos, evidentemente a Bruxa de Endor fazia afirmações semelhantes. Quando o rei Saul, por causa de sua maldade, perdeu a graça de Deus e percebeu que corria grave perigo de ser derrotado por seus inimigos, ele recorreu à bruxa para que ela entrasse em contato com Samuel, a fim de ver se o profeta falecido poderia fazer algo por ele.

O relato dessa antiga sessão espírita está registrado em 1 Samuel 28:7-20. Muitos estudiosos da Bíblia, ao lerem essa história da suposta comunicação de Saul com o profeta falecido Samuel, concluíram que ela fornece uma excelente prova bíblica de que os mortos não estão realmente mortos, mas vivos em algum lugar, e que é possível se comunicar com eles sob certas condições, especialmente com a ajuda do espírito. De fato, ao longo dos tempos, Satanás tem usado esse mesmo método de engano, em um esforço para desmentir os ensinamentos claros das Escrituras de que “o salário do pecado é a morte”. Ao examinarmos brevemente alguns dos fatos relativos à visita de Saul à bruxa, perceberemos prontamente que uma analogia muito semelhante poderia ser aplicada às sessões espíritas modernas, e com o mesmo resultado. Romanos 6:23

Primeiro, deve-se notar que, segundo as próprias palavras de Saul, ele não estava mais em graça diante de Deus. Ele disse à bruxa: “Deus se afastou de mim e não me responde mais, nem por meio de profetas, nem por meio de sonhos”. Enquanto Samuel estava vivo, ele era um servo fiel e profeta do Senhor e nunca estava disposto a ir contra os desejos do Senhor; no entanto, aqui encontramos Saul, que ele mesmo admitiu que Deus não aprovaria a ideia, pedindo à bruxa que obtivesse uma mensagem desse profeta fiel.

Devemos supor que, caso Samuel estivesse vivo, seja no céu ou em algum outro lugar, ele seria menos obediente ao Senhor do que era enquanto estava aqui na Terra? Ou devemos acreditar que essa bruxa perversa, condenada pelo Senhor, tinha o poder de contrariar a vontade divina, e não apenas fazer com que Samuel aparecesse, mas também extrair dele uma mensagem para confortar esse rei rebelde? Evidentemente, então, esse relato nos é apresentado na Bíblia meramente como um registro histórico de eventos importantes na vida de Saul, mas sem qualquer intenção de dar crédito à alegação da bruxa de ter visto e conversado com Samuel.

Os métodos usados pelos espíritos malignos por meio da médium em Endor eram semelhantes aos utilizados hoje. Eles fizeram passar diante da visão mental da bruxa a imagem familiar do profeta idoso, vestindo, como era seu costume, um longo manto. Quando ela descreveu a imagem mental ou “astral”, Saul a reconheceu imediatamente como uma descrição de Samuel. Mas o próprio Saul não viu

nada — ele “percebeu”, a partir da descrição, que se tratava de Samuel.

Facilmente convencido, como as pessoas costumam ficar nessas circunstâncias, Saul não parou para questionar como era possível que Samuel parecesse tão velho e encurvado quanto quando estava vivo na Terra, se agora era um ser do espírito e estava em uma situação muito melhor do que antes. Saul também não pensou em perguntar por que Samuel usava no mundo do espírito o mesmo manto velho que usava quando o conheceu como ser terreno — nem mesmo parando para considerar que o manto do profeta, os cabelos grisalhos etc. já haviam se decomposto há muito tempo na sepultura. Saul havia sido abandonado pelo Senhor e agora era facilmente enganado por esses “espíritos mentirosos” que se faziam passar pelo profeta e falavam a Saul em seu nome por meio de sua médium, a bruxa.

“Por que me perturbaste para me trazer de volta?”, ela representou o profeta morto perguntando. Era de conhecimento geral entre os israelitas nos dias do rei Saul que os mortos dormiam no “sheol”; portanto, a pergunta “Por que me perturbaste” não soaria estranha. Mas podemos imaginar, por um momento, que essa bruxa condenada tivesse o poder de ressuscitar o profeta dos mortos? Ou, ao analisar a questão do ponto de vista do espiritismo moderno, que Samuel não estivesse morto de forma alguma, mas se divertindo no mundo do espírito, não parece estranho que ele tenha sido declarado “e” pela bruxa para “subir” da terra em vez de “descer” do céu?

Do ponto de vista da teologia moderna, quão totalmente absurda é a profecia de “Samuel” a respeito da derrota e morte de Saul na batalha do dia seguinte! Citamos: “Amanhã você e seus filhos estarão comigo: o Senhor também entregará as hostes de Israel nas mãos dos filisteus.” Imagine o fiel Samuel e o amado Jônatas juntos no mundo do espírito com o perverso rei Saul! Isso se encaixa muito bem com a teologia dogmática da Idade das Trevas? Certamente não! No fim das contas, é claro, mas não no dia seguinte, todos eles estavam juntos na morte, no “sheol”, o inferno bíblico, onde ainda aguardam a ressurreição, quando todos serão chamados pelo Filho do Homem; mas não foi necessário nenhum poder sobrenatural por parte da bruxa para prever com precisão a derrota e a morte iminentes de Saul. Na verdade, Saul já temia isso, daí seu apelo à bruxa.

Charles Wesley ficou evidentemente intrigado com a maneira como a “médium” de Endor reuniu o bem e o mal na morte, pois escreveu:

O que essas palavras solenes pressagiam?

Um lampejo de esperança quando a vida chegar ao fim?

Tu e teu filho certamente estareis

Amanhã em repouso comigo:

Não em um estado de dor infernal,

Se Saul permanecer com Samuel;

Não em um estado de desespero condenado,

Se o amoroso Jônatas estiver lá.

Na verdade, é claro, Saul não estava em comunicação com Samuel de forma alguma, mas com um ou mais dos “espíritos na prisão”, cuja principal atividade desde o tempo do dilúvio tem sido enganar a humanidade, particularmente no que diz respeito à condição dos mortos. A menção nas Escrituras desses necromantes, bruxas e médiuns nos leva a inferir que, por meio dos médiuns, esses anjos caídos buscavam comunhão com Israel. Mas, aparentemente, é costume desses médiuns mudarem sua forma de manifestação de tempos em tempos; assim como a bruxaria floresceu por um tempo na Nova Inglaterra e em Ohio, e por toda a Europa, gradualmente desaparecendo e sendo sucedida pelo Espiritismo, cujas manifestações de batidas e ruídos também estão gradualmente dando lugar à clarividência e às tentativas de materializações. Nos dias do Senhor e dos apóstolos, a atuação desses “espíritos” havia evidentemente mudado do método da bruxaria para o da obsessão e possessão.

A Obra Moderna dos “Espíritos”

Tendo recebido outrora o poder de se materializar como homens, mas abusando dele, esses anjos caídos ainda parecem empenhados em exercer seus poderes por meio de agentes humanos, seja utilizando “médiuns”, seja por meio do controle direto da mente, como na obsessão. É evidente, no entanto, que a vontade humana deve consentir com esse domínio estranho antes que esses “espíritos” possam tomar posse. Mas quando eles tomam posse, aparentemente a vontade fica tão abalada

que não há mais qualquer poder de resistência; por isso o ministério de Jesus e dos apóstolos era tão apreciado pelos possuídos por demônios naquela época.

Embora esses seres angelicais caídos possam mudar de tempos em tempos seu método de entrar em contato e enganar a humanidade, sua influência, em geral, está sempre afastada de Deus e da verdade de Sua Palavra. Nos tempos modernos, faz-se muito alarde sobre conversar com os mortos; no entanto, em todas as milhares de tentativas que foram feitas — cientificamente controladas e de outras formas — qual foi o resultado total? É verdade que, por meio de “identificações” absurdas, como a que a Bruxa de Endor conseguiu impor a Saul, muitos se convenceram de que entraram em contato com seus amigos e parentes falecidos — mas por aí tudo terminou. Nenhuma informação válida jamais foi obtida por meio de fontes espíritas.

Como Cristo Pregou aos Espíritos na Prisão

Agora que identificamos esses “espíritos” aos quais Pedro nos diz que Jesus pregou, surge a pergunta: como essa pregação foi realizada? Como Jesus poderia estar no “sheol”, ou *hades*, onde não há consciência, e ao mesmo tempo estar pregando a esses anjos caídos? A explicação para essa aparente dificuldade é simples quando examinamos a passagem de forma um pouco mais crítica. O apóstolo disse que Jesus “foi e pregou aos espíritos na prisão”. As autoridades em grego concordam que as palavras “foi e pregou” são usadas no sentido de

realizar algo e não no sentido de ir a algum lugar. Em outras palavras, essas duas palavras são uma adição e desnecessária ao texto. Antigamente, era costume usar expressões desse tipo, e mesmo hoje vemos que elas às vezes são utilizadas.

O Dr. Benjamin Wilson, em sua *Emphatic Diaglott*, traduz essa passagem das Escrituras como “Ele pregou aos espíritos na prisão”, omitindo as duas palavras “foi e”, por serem desnecessárias para a compreensão adequada do texto. Na nota de rodapé desse texto, ele mostra que outras autoridades concordam com ele a esse respeito. Omitindo, então, essas duas palavras desnecessárias, o texto completo diz: “Pois também Cristo sofreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para nos levar a Deus, tendo sido morto na carne, mas vivificado pelo Espírito; pelo qual também pregou aos espíritos na prisão.” (1 Pedro 3:18,19). O significado aqui é evidente, a saber, que foi por meio de sua morte e da ressurreição que Jesus pregou a esses anjos caídos — uma lição prática, ensinada por sua fidelidade ao Pai Celestial e Criador, contra quem esses “espíritos” haviam se rebelado.

Lúcifer foi o primeiro desses seres do espírito a se rebelar contra Deus; e ele evidentemente exerceu grande influência sobre aqueles que mais tarde se juntaram às fileiras dos rebeldes. Em Mateus 25:41, a expressão “o diabo e seus anjos” indica uma relação estreita existente entre Satanás e esses outros seres espirituais caídos. Foi o espírito de ambição e orgulho que levou à queda de Lúcifer (Isaías 14:14); e, aparentemente, o mesmo espírito

permeou as fileiras desses anjos caídos de menor importância. A fidelidade de Jesus, portanto, uma fidelidade que o levou a humilhar-se e tornar-se obediente até a morte, seria um poderoso sermão e e para esses “espíritos na prisão”. O poder desse sermão seria grandemente aumentado quando esses “espíritos” percebessem que Jesus, em virtude de sua fidelidade, foi ressuscitado dentre os mortos e altamente exaltado a um lugar à direita de Deus, enquanto eles foram degradados e humilhados por causa de sua deslealdade.

Assim, descobrimos que, uma a uma, quando devidamente compreendidas, as várias passagens bíblicas que tratam da condição dos mortos se mostram em harmonia com aquela grande verdade fundamental de que “o salário do pecado é a morte” e que “os mortos nada sabem”. Eclesiastes 9:5

CAPÍTULO 5

O que é o céu?

“Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua abundante misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós.”

- 1 Pedro 1:3,4

Para termos uma compreensão bíblica do que há além da morte, tanto para pecadores quanto para os santos, é necessário levar em consideração o que o registro inspirado tem a dizer a respeito do céu. Não há como negar o fato bíblico de que Deus criou o homem para viver sobre a terra, e que a terra foi criada como um lar para o homem. Embora o homem tenha perdido seu domínio terrestre e tenha sido condenado à morte por causa do pecado, a restauração à vida na terra foi assegurada para ele por meio da morte e ressurreição de Jesus, como o redentor. A exceção a essa ressurreição geral de todos os homens para uma vida de perfeição humana em uma terra tornada gloriosa são os fiéis seguidores de passos do mestre que, como as Escrituras deixam claro, receberão uma recompensa celestial.

A Bíblia, particularmente o Novo Testamento, tem muito a dizer sobre o céu e sobre as esperanças celestiais. Jesus, por exemplo, disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu lhes teria dito. Vou preparar um lugar para vocês. E, se eu

for e preparar um lugar para vocês, voltarei para cá e os receberei para mim; para que, onde eu estiver, vocês também estejam.” João 14:2,3

Esta é uma promessa muito definitiva, implicando claramente uma mudança das condições terrenas para as espirituais. Muitos equívocos, porém, têm sido atribuídos a essas palavras do mestre. Frequentemente ouvimos expressar a esperança de possuir uma dessas “muitas moradas”, mas Jesus mostra distintamente que elas não eram para seus seguidores, mas sim que ele estava indo para “preparar um lugar” para eles. A ideia é que já havia muitas “moradas” na época em que ele falou, mas que um novo lugar, ou condição, seria providenciado para seus seguidores.

A expressão “muitas moradas” transmite a ideia meramente de lugares de habitação ou condições nas quais há uma superabundância de bênçãos e alegria. A própria Terra e a condição de vida humana perfeita representada em nossos primeiros pais eram, sem dúvida, uma dessas “moradas”. Essa morada, é claro, foi perdida por causa do pecado, mas será restaurada no tempo devido de Deus, como veremos mais adiante.

Existem, de acordo com as Escrituras, vários planos angelicais de existência. Estes, também, poderiam ser adequadamente incluídos entre as muitas “mansões” mencionadas pelo mestre. Quantos planos ou ordens de vida existem no reino espiritual do Criador, não sabemos; mas, a julgar pela grande variedade de vida que existe no que

chamamos de reino material, deve haver muitos. Mas agora haveria uma “nova criação”; outro plano de existência deveria ser preparado e um o providenciado para a igreja — um lugar com Jesus e para o qual ele foi exaltado no momento da sua ressurreição.

A Posição Futura da Igreja

Jesus disse: “Para que, onde eu estiver, também vós estejais.” Isso mostra que o estado futuro dos seguidores fiéis do mestre será o mesmo lugar, ou condição, para o qual ele foi exaltado. A respeito da exaltação de Jesus, o apóstolo diz: “Por isso também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, tanto nos céus como na terra.” Filipenses 2:9,10

De fato, foi dada ao mestre uma elevada exaltação pelo Pai Celestial, até mesmo à “direita do trono de Deus”. (Hebreus 12:2). E essa mesma condição altamente exaltada está sendo “preparada” para a igreja. Observe a promessa de Jesus em Apocalipses 3:21: “Ao que vencer, concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.”

Não é de se admirar que Pedro tenha dito que, por meio da ressurreição de Cristo, o cristão é “renascido para uma esperança viva, [...] para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós”. Observe as palavras do apóstolo no versículo seguinte: “Que sois guardados pelo

poder de Deus, mediante a fé, para a salvação pronta para ser revelada no último tempo.” 1 Pedro 1:5

O “tempo final” ou “últimos dias”, mencionado com frequência na Bíblia, refere-se ao período que se seguirá à segunda vinda de Cristo. Isso significa que a herança celestial e reservada para a igreja não tem sido, ao longo dos séculos, recebida por cada cristão individualmente no momento da morte, como ensina a teologia confessional, mas é uma recompensa a ser dada no fim dos tempos, quando Jesus voltar e os mortos forem ressuscitados. Isso está de acordo com a própria promessa do mestre a respeito do “lugar” a ser preparado para seus seguidores: “Vou preparar um lugar para vocês, e se eu for... voltarei e os receberei para mim, para que, onde eu estiver, vocês também estejam.” Quão evidente é, a partir dessas palavras, que nenhum cristão pode esperar estar com o mestre até que ele “volte” e os “receba” para si.

O apóstolo Paulo testemunha o mesmo fato da seguinte forma: “Combati o bom combate, ... guardei a fé; desde agora está reservada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, o Juiz justo, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda.” (2 Timóteo 4:7,8). Ah, sim, bem sabia o apóstolo que sua recompensa celestial como o co-herdeiro com Cristo no reino messiânico não seria recebida até o fim dos tempos, quando Jesus voltasse para levar todos os seus santos para si.

O Desejo Sincero de Paulo

Devido a um erro de tradução das palavras de Paulo em Filipenses 1:23, alguns foram levados a acreditar que o apóstolo esperava estar no céu com Jesus imediatamente após sua morte. Citaremos a passagem: “Estou dividido entre dois desejos: anseio partir e estar com Cristo, o que seria muito melhor para mim...” A palavra “partir” () neste texto vem da palavra grega “*analousai*” e, evidentemente, deveria ter sido traduzida como “retornar”, e é assim traduzida pelo Prof. Wilson em seu *Emphatic Diaglott*.

Nos versículos anteriores, o apóstolo explica que não tem certeza se será executado em breve ou se será libertado pelas autoridades romanas e, assim, terá permissão para continuar por algum tempo no ministério. Ele não tinha escolha entre essas duas coisas — “Estou dividido entre duas”. Mas havia uma terceira coisa que ele preferia muito mais, e essa era o “*analousai*”; e sua preferência por isso era para que pudesse estar com Cristo.

Paulo sabia que não poderia estar com Cristo até o “retorno” do mestre, e estava apenas expressando seu desejo ardente por essa gloriosa consumação da esperança de todo cristão verdadeiro. O Prof. Wilson, em uma nota de rodapé sobre este texto em sua *Emphatic Diaglott*, comenta o seguinte:

“A palavra *analousai* ocorre em Lucas 12:36 e é aqui traduzida como retorno — Sede como homens que esperam pelo seu mestre, quando ele voltar, etc. Jesus havia ensinado aos seus discípulos que ele

voltaria, ou retornaria. ... Paulo acreditava nessa doutrina e a ensinava aos outros, e estava buscando e esperando pelo Salvador do céu ... quando ... ele estaria para sempre com o Senhor.”

Paulo não esperava ir para o céu no momento em que morresse. Havia apenas duas opções possíveis entre as quais ele poderia escolher — uma era ter um pouco mais de tempo para viver e servir à verdade e aos irmãos; a outra era adormecer na morte . Mas havia algo que seria “muito melhor” do que qualquer uma dessas opções, e isso era estar com Cristo; mas ele sabia que isso era impossível naquele momento. Ele sabia que o “retorno” de Cristo estava muito distante no futuro; e também sabia que sua recompensa como cristão não lhe seria dada até que a recebesse na ressurreição no último dia. 2 Timóteo 4:7,8

“Nossa Morada Terrestre”

As palavras do apóstolo Paulo em 2 Coríntios 5:1-9 são às vezes mal interpretadas como significando que os cristãos vão para o céu imediatamente quando morrem; mas a passagem não ensina isso quando devidamente compreendida. Paulo diz: “Sabemos que, se a nossa morada terrestre, este tabernáculo, for desfeita, temos um edifício de Deus, uma casa não feita por mãos humanas, eterna nos céus.” Paulo sabia que essa gloriosa provisão de vida celestial havia sido prometida por Jesus, mas será que ele esperava recebê-la no momento da morte?

Evidentemente que não, pois no quarto versículo ele continua: “Não para que fiquemos despidos, mas

para que sejamos revestidos, a fim de que a mortalidade seja absorvida pela vida.” Em 1 Coríntios 15:51-55, ele mostra claramente que a igreja não será revestida da imortalidade até a ressurreição, ao som da “última trombeta”. Isso coloca o evento após a segunda vinda de Cristo e está de acordo com todas as outras escrituras que tratam do assunto.

Quando, em 2 Coríntios 5:8, Paulo fala de estar “ausente do corpo” e de estar “presente com o Senhor”, ele aparentemente não está contrastando esta vida presente com a vida da ressurreição além da morte, mas sim falando de duas condições que são possíveis para o cristão aqui mesmo nesta vida. Uma é a condição de proximidade com o Senhor, por meio da fidelidade em fazer a sua vontade, e a outra é a de relativa afastamento dele, por meio da infidelidade em seguir as suas palavras de instrução. Paulo diz: “Por isso nos esforçamos, para que, estejamos presentes ou ausentes, sejamos aceitos por ele.” Ou seja, quer sejamos sempre capazes de sentir uma proximidade com o Senhor, quer às vezes nos sintamos distantes dele por causa de nossas imperfeições, nós, como cristãos, devemos nos esforçar sinceramente para que possamos finalmente ser aceitos por Ele e ouvir o “muito bem” do mestre.

“Suas obras os seguem”

Apocalipse 14:13 é uma promessa preciosa que se aplica durante um período muito limitado no fim dos tempos e não pode ser usada adequadamente como uma afirmação geral que descreva o método de Deus

para lidar com seu povo ao longo da era evangélica. Diz assim: “Escreve: Bem-aventurados os mortos que, dora ante, morrem no Senhor. Sim, diz o espírito, para que descansem dos seus trabalhos; e as suas obras os seguem.”

A expressão “daqui em diante” é a chave para uma compreensão adequada desta passagem, mostrando, como de fato faz, que a promessa é aplicável somente a partir de um determinado momento em diante. O contexto indica que o tempo a que se alude é o fim da era, após a segunda vinda de Cristo; que haveria um período chamado “colheita”, durante o qual os santos fiéis, ao completarem sua jornada terrena na morte, não precisariam permanecer adormecidos na morte, mas seriam imediatamente ressuscitados para participar da atividade relativa ao estabelecimento do novo reino.

Paulo alude a isso em 1 Coríntios 15:51,52: “Eis que vos revelo um mistério”, diz o apóstolo, indicando que o que ele está prestes a mencionar é uma exceção à regra geral, “Não todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; pois a trombeta soará, e os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e nós seremos transformados.”

Sim, todos os santos devem morrer — ser “fiéis até a morte” — e “todos” devem ser transformados para revestir-se da imortalidade; mas haverá alguns, ao som da última trombeta, que não precisarão permanecer “adormecidos” na morte. Estes são aqueles que, embora cessem na morte de seu árduo

trabalho a serviço do mestre, ao serem imediatamente ressuscitados, continuarão diretamente com seu trabalho para ele. Mas mesmo essa mudança imediata da mortalidade para a imortalidade não ocorrerá porque eles são imunes à morte, mas porque sua ressurreição acontecerá no momento da morte — eles não precisam esperar adormecidos até a segunda vinda do Senhor, como foi necessário para o restante da igreja.

“Ninguém Subiu ao Céu”

Nenhuma promessa celestial foi dada aos servos fiéis de Deus antes da Primeira Vinda de Jesus; e o próprio mestre deixa claro que, até aquele momento, ninguém havia subido ao céu. Citamos as palavras de Jesus: “Ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem.” (João 3:13). Os apóstolos de Jesus compreenderam claramente essa questão, pois Pedro, falando no dia do Pentecostes a respeito do fiel patriarca Davi, disse: “Porque Davi não subiu aos céus.” Atos 2:34

Muitos supõem que Enoque, a quem Deus transportou, foi levado para o céu, mas não foi assim. Evidentemente, a “translação” de Enoque consistiu meramente em sua remoção na morte, sem que ele precisasse passar pelos processos inerentes ao processo de morrer; e, possivelmente, antes que tivesse a experiência angustiante de ver outros morrerem. O relato é que ele foi transportado para que “não visse a morte”.

Paulo, no capítulo 11 de Hebreus, inclui Enoque entre os fiéis do passado, a respeito dos quais ele

disse: “Todos estes morreram” (Hebreus 11:5, 13). Em Gênesis 5:24, é-nos dito que Enoque “não estava mais, pois Deus o levou”. Uma expressão semelhante a essa é encontrada em Jeremias 31:15, onde, ao descrever a condição dos filhos mortos de Raquel, diz-se que eles “não estavam mais”. A evidência é convincente, portanto, de que, independentemente do que mais possa estar implícito na ideia da translação de Enoque, ele não foi para o céu.

Elias e a Carruagem

Alguns afirmam que Elias deve estar no céu, na medida em que supõem que ele foi levado para o céu em uma carruagem. Mas o relato mostra que a carruagem de fogo apenas separou Elias de Eliseu. Foi o redemoinho que fez com que Elias ascendesse ao céu. (2 Reis 2:11). Deve-se lembrar, a esse respeito, que as palavras “céu” e “céus” são frequentemente usadas nas Escrituras para descrever a atmosfera e a que circunda a Terra; e foi evidentemente para esse “céu” que Elias foi levado pelo redemoinho que encerrou sua vida cheia de acontecimentos. Gênesis 1:8,9,14,15,17,20; 7:11,23; Zacarias 2:6

O fato de que, na visão da transfiguração, os discípulos viram Elias e Moisés não significa que esses dois profetas estivessem então realmente vivos em algum lugar no céu. Ao descer do Monte da Transfiguração, Jesus disse aos seus discípulos: “Não contem a visão a ninguém, até que o Filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos.” (Mateus 17:9). Uma visão não é uma realidade.

Pedro teve uma visão de animais impuros descendo do céu em um lençol, mas não eram animais reais. João, na Ilha de Patmos, teve uma série de visões nas quais todos os tipos de objetos, animados e inanimados, apareceram diante dele em um grande panorama histórico de duas eras, mas nenhuma das coisas que ele viu era realidade. Assim, os discípulos tiveram uma visão na qual Moisés e Elias apareceram, mas ambos os profetas estavam adormecidos na morte, e ainda estão até hoje, e permanecerão assim até a ressurreição. Hebreus 11:35,39,40

Essa visão da transfiguração era do reino de Cristo quando estabelecido para reinar sobre a terra. Todos os verdadeiros cristãos, então exaltados à glória celestial, reinarão com Cristo, sendo o propósito desse reinado abençoar a humanidade em geral com saúde e vida sobre a terra. Será durante esse tempo que o paraíso será restaurado.

CAPÍTULO 6

Onde fica o Paraíso?

Muitas pessoas usam as palavras “paraíso” e “céu” como se fossem sinônimos, e geralmente ambos os termos são considerados como se referindo a um estado ou lugar de bem-aventurança espiritual distante deste mundo material de pecado e morte. E acredita-se que todos os bons cristãos vão para esse lugar imediatamente após a morte. Há alguns, no entanto, que fazem uma distinção entre paraíso e céu, alegando que o primeiro é uma espécie de estado intermediário no qual quase todos entram após a morte, e onde permanecem até o futuro dia do julgamento, quando serão transferidos para um céu de felicidade, de duração eterna, ou para um inferno de tortura, que igualmente será sem fim.

Um estudo cuidadoso das Escrituras indica que as visões acima são errôneas e que esse equívoco não passa de mais uma indicação do esforço do grande enganador para reforçar sua mentira original: “Certamente não morrerás”. Se os mortos estão mortos, como descobrimos que as Escrituras ensinam tão claramente, então aqueles que morrem não podem, de forma alguma, estar se divertindo, seja no paraíso ou no céu.

A palavra “paraíso” significa, literalmente, um jardim ou parque. Ela é aplicada de forma adequada e bíblica ao Jardim do Éden, do qual o homem foi expulso por causa do pecado. Em Ezequiel 36:34,35, o profeta indica que uma condição semelhante ao Jardim do Éden será restaurada na Terra, o que, de

acordo com o testemunho do apóstolo Pedro em Atos 3:20,21, é também a declaração unânime de todos os santos profetas de Deus. Pedro, aqui, refere-se ao período em que a restauração do paraíso terrestre será realizada como os “tempos da restauração de todas as coisas”.

Ao examinar cuidadosamente as palavras do apóstolo, perceber-se-á que o período de restauração se seguirá à segunda vinda de Cristo — “a quem o céu deve receber até os tempos da restauração de todas as coisas”. Se, portanto, o paraíso deve ser um estado mundial de felicidade e perfeição aqui na Terra, ele não só não existia na época da Primeira Vinda de Jesus, mas, de acordo com as palavras de Pedro, não se tornará realidade até que Cristo retorne e estabeleça seu reino.

O Ladrão no Paraíso

O que Jesus quis dizer com sua promessa ao ladrão na cruz? A declaração de Jesus: “Estarás comigo no paraíso”, é uma resposta ao pedido do ladrão: “Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino.” (Lucas 23:42). Não devemos supor que o ladrão soubesse muito sobre o reino proposto pelo Messias. Não era necessário que ele soubesse muito sobre isso para fazer um pedido desse tipo. A inscrição exibida acima da cabeça do mestre mostrava claramente que ele afirmava ser um rei; e, embora naquele momento não parecesse que Jesus fosse capaz de exercer autoridade real ou de estar em posição de ajudar alguém, o ladrão sem dúvida raciocinou que não haveria mal algum em

demonstrar um certo respeito e reconhecimento a esse suposto rei criminoso, pedindo para ser admitido em seu reino.

Esse gesto de cordialidade por parte do ladrão, motivado por um simples desejo que o levou a fazer seu pedido, foi acolhido por Jesus e transformado por ele em uma promessa viva e radiante: “Estarás comigo no paraíso”. O fato de a resposta de Jesus ter sido concebida como um reconhecimento da adequação do pedido do ladrão é indicado pelo uso da palavra “em verdade”; em outras palavras, o teu pedido está em harmonia com o plano divino. “Eu sou um Rei, terei um reino, e você será lembrado nesse reino — ‘Você estará comigo no paraíso’”.

Que o reino de Jesus ainda não havia sido estabelecido no momento em que ele fez essa promessa ao ladrão fica evidente no fato de que ele ensinou seus discípulos a orar: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” (Mateus 6:10). Essa oração inspirada não apenas enfatiza o fato de que o reino messiânico ainda não era uma realidade, mas também corrobora o pensamento que já descobrimos, a saber, que quando ele vier, será bem aqui na Terra.

O ladrão, então, pediu uma bênção terrena, e a resposta de Jesus prometeu uma bênção terrena. Essas bênçãos terrenas do paraíso restaurado sob a administração do reino messiânico estarão disponíveis para toda a humanidade quando os tempos da restauração forem inaugurados. Até lá, porém, o ladrão bondoso, assim como todos os que

estão nos túmulos, devem esperar pelas bênçãos prometidas — esperar no sono da morte, até a manhã do novo dia da Terra, quando serão despertados pela voz do Filho do homem. João 5:28

O que, então, Jesus quis dizer com a expressão “hoje” em sua promessa ao ladrão na cruz? A aparente dificuldade em harmonizar essa passagem com o testemunho geral das Escrituras relativo à condição dos mortos foi causada por um erro na colocação da vírgula em algumas traduções da Bíblia. Os escritos originais e inspirados da Bíblia não tinham pontuação alguma, pois a pontuação ainda não havia sido inventada naquela época. A pontuação, na verdade, é de origem relativamente moderna, tendo sido introduzida na literatura há apenas algumas centenas de anos.

Os tradutores da Bíblia, acreditando, como quase todo o mundo religioso, que o momento da morte é o momento da transição para a bem-aventurança celestial, inseriram a vírgula nesta passagem para que ela se harmonizasse com seus dogmas teológicos. Ao simplesmente mudar a posição dessa vírgula, obtemos o pensamento correto do texto: “Em verdade te digo hoje: estarás comigo no paraíso.” Assim, o mestre revela a confiança implícita que tinha no plano do Pai Celestial para ele.

O “hoje” na declaração de Jesus era um dia em que, do ponto de vista humano, parecia impossível que ele algum dia tivesse um reino. Mas a fé do mestre era tão grande que ele foi capaz, com plena confiança, mesmo em um momento em que todas as

circunstâncias naturais desafiavam sua esperança, de assegurar ao ladrão de forma definitiva e positiva que haveria de fato um reino messiânico — o paraíso seria restaurado, e ele estaria lá e teria a oportunidade de desfrutar de suas bênçãos.

Paulo arrebatado ao paraíso

Em 2 Coríntios 12:1-4, Paulo relata uma visão na qual foi “levado ao paraíso”. Isso, como explica o apóstolo, foi uma “visão” e não implica de forma alguma que o paraíso já existisse naquele momento. O apóstolo explica que, nessa mesma visão, ele também foi levado ao “terceiro céu”. Essa informação nos dá a chave para o significado de toda a visão.

O apóstolo Pedro, em sua segunda epístola, capítulo 3, nos fala desse “terceiro céu” visto em visão por Paulo. Pedro, na verdade, menciona todos os três “céus”, e não apenas o “terceiro”. Ele explica que o primeiro desses céus existia antes do dilúvio dos dias de Noé e que foi destruído na época do dilúvio. Ele relata também que o segundo céu surgiu na época do dilúvio e será destruído após a segunda vinda de Cristo. “No entanto”, continua o apóstolo, “nós, de acordo com a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, onde habita a justiça”.

Esses “novos céus” pelos quais esperamos seriam, então, o “terceiro”. Pedro fala também de uma “nova terra”. É essa “nova terra” que Paulo descreve como o “paraíso” de sua visão. Agora, Pedro deixa claro que tanto os novos ou “terceiros” céus quanto a nova ou “paraíso” terra serão criados, ou trazidos à existência, após a segunda vinda de Cristo. Isso confirma nossas conclusões anteriores, a saber, que o paraíso ainda não existe, portanto, que ninguém pode ir para o paraíso no momento da morte.

Bênçãos na Terra “Paraíso”

Pedro diz que nós, “conforme a sua promessa”, esperamos por “novos céus e uma nova terra”. A “promessa” à qual o apóstolo evidentemente se refere é a de Isaías 65:17-25. Um dos fatos marcantes em relação a essa promessa, como se observará ao lê-la, é que, com a criação da “nova terra”, virá “alegria”; o fim do “choro”; não haverá mais “crianças que morrem em poucos dias”; segurança econômica, pois aqueles que construirão casas “as habitarão”; “não trabalharão em vão, nem darão à luz para o sofrimento”; antes que clamem, o Senhor “responderá”; “o lobo e o cordeiro se alimentarão juntos”; e, finalmente, a promessa abrangente: “Não ferirão nem destruirão em todo o meu santo monte [reino], diz o Senhor.”

Esta é uma das gloriosas promessas do reino da Bíblia, pois o termo “montanha” aqui é usado para simbolizar o reino de Deus. É aquela montanha descrita em Daniel 2:35, 44, 45, que crescerá e preencherá toda a terra. É o reino no qual o ladrão na cruz será lembrado: o reino que restaurará as condições do paraíso em todo o mundo. Nada nesta profecia indica que se trate de uma promessa de bênçãos celestiais — tudo é terreno.

Os mesmos novos céus e nova terra são mencionados em Apocalipses 21:1-4, com as mesmas bênçãos prometidas para acompanhar o seu estabelecimento. Que bênçãos maravilhosas e de alcance tão vasto são essas! Citamos: “Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não

haverá mais morte, nem tristeza, nem choro e lamento; nem haverá mais dor, pois as coisas anteriores já passaram.”

Tanto Isaías quanto o Apocaliptista associam os “novos céus” e a “nova terra” à “nova Jerusalém”. Paulo, em Gálatas 4:26, identifica a igreja como essa classe da Jerusalém celestial. A igreja também é chamada de “noiva” de Cristo, e em Apocalipse 21:9,10 aprendemos que essa “noiva” é de fato a “nova Jerusalém”. Assim, quando os novos céus e a nova terra forem finalmente estabelecidos, a classe da igreja já terá sido completada e estará com o Senhor Jesus como co-herdeiro com ele neste novo arranjo do reino.

Então, como sua noiva, eles se unirão à obra abençoada de restaurar a vida a todos os que ouvirem e vierem à fonte da vida então disponibilizada — “E o espírito [nosso Senhor Jesus] e a noiva dizem: Vinde. ... E quem quiser, tome de graça a água da vida.” (Apocalipses 22:17). Essa água da vida é mostrada saindo de debaixo do trono de Deus e do Cordeiro — um belo simbolismo combinado que nos diz que as bênçãos da vida então disponíveis estarão sujeitas às regulamentações governamentais do novo reino — o “trono” — e serão gratuitas para todos os que as desejarem, por causa da obra redentora do Cordeiro imolado. Apocalipses 22:1

Os “céus” e a “terra” também são, é claro, simbólicos; e as Escrituras indicam que eles representam as duas fases do novo reino: a fase

celestial composta principalmente por Jesus e sua igreja glorificada, que serão os governantes espirituais e invisíveis no reino; e a fase terrena composta principalmente pelos antigos profetas da ressurreição e outros dignos do passado, que se tornarão “príncipes em toda a terra”. Salmo 45:16

Jesus disse: “Vós vereis Abraão, Isaque e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus”, e, com certeza, eles serão submetidos à ressurreição dentre os mortos e restaurados à vida humana perfeita; e serão esses “estadistas” perfeitos, representantes do Cristo divino, que lidarão diretamente com o mundo da humanidade. Sim, será um reino real, e quando for estabelecido, verdadeiras bênçãos de vida serão o resultado para toda a criação que geme.

Esta, então, é a esperança que as Escrituras nos oferecem como conforto e apoio em tempos de necessidade. Glória, honra e a imortalidade, como co-herdeiros com Jesus em seu reino para todos os cristãos fiéis; e vida humana restaurada em um paraíso terrestre para todos os demais da humanidade que, quando o reino do Messias for estabelecido, obedecerem às suas leis e aceitarem “a água da vida gratuitamente”.

Bênçãos do Reino

Que tempo glorioso de bênçãos este reino divino proporcionará ao mundo enfermo pelo pecado, em resposta à oração: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”! Será, de fato, uma nova dispensação. As mudanças de uma dispensação para outra no passado foram marcantes

e proeminentes, mas essa mudança será a mais notável e cheia de acontecimentos de todas, pois significará uma transferência do governo mundial do reinado de morte de Satanás para o reinado de vida do Messias; da adoração supersticiosa de falsos deuses para a adoração inteligente de Jeová, o Deus verdadeiro, e de Cristo, seu Filho, o redentor e Doador de Vida do mundo.

A simples ideia de mudanças de tão grande alcance seria desanimadora para a fé, não fosse pela compreensão de que elas foram prometidas e planejadas pelo Deus Todo-Poderoso e Criador do universo, que é tão plenamente capaz de restaurar os mortos à vida, por meio de seu Filho, quanto foi de criar a vida em primeiro lugar. E que espetáculo será esse — toda uma raça retornando a Deus e à vida com cânticos de alegria eterna nos lábios e nos corações! Ah, sim, “eles alcançarão alegria e regozijo, e a tristeza e os suspiros fugirão”. Isaías 35:10

A tristeza e o gemido agora parecem inseparáveis de nosso ser, mas a promessa divina é que eles “fugirão”. O pecado, a doença e a morte têm sido as causas de toda a tristeza no mundo, e esses “inimigos” da raça serão destruídos pelo poder do reino do Messias. Assim, embora o pranto em cilício e cinzas tenha perdurado ao longo da longa noite do domínio do pecado e da morte, a alegria aguarda a criação gemebunda na manhã milenar que agora está prestes a amanhecer. Então as lágrimas serão enxugadas de todos os rostos, e beleza será dada

em vez de cinzas, e o óleo da alegria em vez do espírito de tristeza.

Em Isaías 25:6-9, o profeta nos dá uma descrição profética do novo reino, quando as condições paradisíacas serão restauradas em todo o mundo, e uma parte d e dessa profecia declara que Deus então “engolirá a morte em vitória”. Em 1 Coríntios 15:54, o apóstolo Paulo cita essa promessa e explica que ela será cumprida após a exaltação da igreja à imortalidade com seu Senhor. Uma das promessas originais das bênçãos do reino foi dada a Abraão, na qual Deus lhe disse que, por meio de sua descendência, todas as famílias da terra seriam abençoadas.

Em Gálatas 3:8, 16 e 27-29, Paulo explica que o cumprimento da promessa feita a Abraão virá por meio de Cristo e de sua igreja glorificada, seus seguidores de passos fiéis desta era. É por isso, então, que as condições paradisíacas de vida e felicidade ainda não foram restauradas na Terra; ou seja, os seguidores de Cristo desta era, que devem compartilhar sua morada celestial e ser co-herdeiros com ele na distribuição das bênçãos da vida ao mundo, devem, antes de tudo, ser selecionados e preparados para sua elevada posição no reino.

Os sinais dos tempos indicam, sem sombra de dúvida, que estamos vivendo no fim desta era, quando a obra de seleção da igreja de Cristo está quase concluída. Isso significa que o “doce futuro” da era dourada de bênçãos do mundo está agora se aproximando, que em breve a noite escura do pranto

dará lugar a uma manhã de canto. Que tempo feliz será aquele em que os funerais não serão mais a ordem do dia, mas, em seu lugar, virá o feliz reencontro de amigos e parentes outrora amados, mas perdidos por um tempo na morte — um reencontro que será permanente para todos aqueles que então obedecerem às leis daquele reino divino e, por meio da obediência, se tornarem participantes dos poderes restauradores e de Jesus Cristo divino e de sua noiva glorificada. Apocalipses 22:17

Nenhuma criatura da raça redimida será tão humilde que a graça divina não possa alcançá-la por meio da agência onipotente e abençoada do reino. Nenhuma degradação do pecado será profunda demais para que a mão da misericórdia a compreenda, a fim de resgatar a alma comprada pelo sangue; nenhuma escuridão da ignorância e da superstição será densa demais em qualquer coração para que a luz da verdade e do amor divinos não penetre em sua treva e lhe traga o conhecimento da alegria e da felicidade do novo dia e uma oportunidade, por meio da obediência, de participar de suas bênçãos. Nenhuma doença que possa atacar e contaminar o sistema físico estará além do controle imediato do Grande Médico. E nenhuma deformidade ou doença mental será capaz de resistir ao seu toque curativo.

Mas que ninguém, nem por um momento, suponha que isso signifique reconciliação universal e salvação de todos os indivíduos, independentemente de sua obediência às leis do novo reino; pois as Escrituras não ensinam tal salvação incondicional. Em Atos

3:20-23, o apóstolo nos fala sobre o tempo vindouro de restauração que Deus prometeu pela boca de todos os seus santos profetas, mas deixa claro que o recebimento dessas bênçãos pelo indivíduo dependerá da obediência a “aquele profeta”, o Cristo divino. Ele diz: “Acontecerá que toda alma que não ouvir aquele profeta será destruída dentre o povo.”

Paulo levantou a questão de como alguém pode crer em Cristo se não ouviu falar dele. De fato, ninguém será salvo ou perdido em sua ignorância. As Escrituras ensinam que ninguém será destruído naquilo que o Apocalipse descreve como a “segunda morte” até que, por meio de um conhecimento claro da verdade, tenha tido plena oportunidade de crer e obedecer. Para alcançar esse fim, o plano de Deus prevê um despertar de todos os que dormem na morte. Esse despertar é mencionado por Paulo quando ele diz em 1 Timóteo 2:3,4 que é vontade de Deus que todos sejam “salvos” — não salvos eternamente, mas salvos do sono da morte — para que possam chegar ao conhecimento da verdade, particularmente a verdade a respeito do dom de Deus de seu Filho para ser o seu redentor. Mas a vida eterna será a parte feliz apenas daqueles que, quando forem iluminados, “crerem” nele. Esse limite da graça de Deus está claramente declarado em João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Não nos cabe conjecturar quantos, ou poucos, rejeitarão a graça de Deus durante o período milenar,

quando a mensagem pura da verdade cobrirá a terra. As condições atuais não nos oferecem nenhum critério pelo qual julgar, porque o mundo, no momento presente, está cegado pelas influências enganosas do grande enganador, Satanás. É um erro supor que todos os que vivem ao som dos sinos das igrejas tenham uma oportunidade justa de conhecer Cristo e crer nele, pois há tantos sinos de igrejas conflitantes. Eles próprios estão irremediavelmente divididos quanto ao que constitui a verdade; e se cegos guiam cegos, que e e podemos esperar senão que ambos caiam na vala da confusão e da dúvida? É exatamente assim.

Mas logo no início do período do reino, no qual o ladrão na cruz pediu para ser lembrado, Satanás, o arqui-enganador da humanidade, será amarrado. (Apocalipses 20:1,2). A ascensão ao poder do Messias é comparada pelo profeta ao nascer do sol, sendo o novo Rei da Terra chamado de “Sol da Justiça”, que nascerá com poderes de saúde e vida, dissipando as brumas da escuridão e da superstição e iluminando o mundo com o verdadeiro evangelho do amor de Deus. Malaquias 4:2

Esse será o momento em que todos terão uma oportunidade genuína de provar sua lealdade aos princípios divinos de justiça então exemplificados nos arranjos do reino messiânico, tendo o privilégio de habitar eternamente naquele paraíso terrestre restaurado. Aqueles que não crerem e não obedecerem serão, de acordo com as Escrituras, “destruídos dentre o povo”. Atos 3:23

Assim, virá o reino de Deus, e a sua vontade será feita na terra, assim como é feita no céu. Assim, o Cristo reinará como vice-regente do Pai até que tenha subjugado toda autoridade e poder antagônicos, e feito com que todo joelho se dobre e toda língua confesse a sabedoria, a justiça, o amor e o poder de Deus, o Pai.